

Est. de Lapa & Bastos. 3. N. do M. V. 14. 6. 74.

SUA Magestade EL-REI D. PEDRO V.

S. M. EL-REI DOM PEDRO V.



Não ha factos a commemorar de uma existencia de dezeses annos.

N'estas edades a vida é simplesmente uma esperança, o futuro um problema.

As condições do nascimento não isentam das leis da humanidade, os prestigios do symbolo não libertam do destino commum a todos os entes.

Sua Magestade El-Rei D. Pedro V conta apenas dezeses annos, por isso não temos factos a contar da sua vida, mas só sim esperanças, e grandes esperanças a conceber do seu

futuro.

A coroa veneranda de D. Affonso Henriques vae pesar em breve sobre a sua augusta cabeça. Ao empunhar o estandarte glorioso das Quinas, ninguem, melhor do que o nosso joven Monarcha, conhece toda a importancia da missão, que a Providencia lhe confiou.

A pagina da historia, que ha de commemorar o seu reinado, está ainda toda em branco; o seu talento, a sua erudição reconhecida lhe hão de dar a convicção, de que, uma vez preenchida, a posteridade o julgará por ella, e que da sua sentença não ha poder para onde appellar.

Portugal tem vivido quasi exclusivamente das glorias das conquistas, das viagens e descobertas.

Mas essa epocha já passou, essas glorias se não são anachronicas, são pelos menos impossiveis.

A *idéa* matou o sabre do conquistador para o substituir simplesmente pela espada protectora das nacionalidades. Hoje são necessa-

rias grandes causas para justificar as grandes guerras de invasão. Nós não as podêmos nem as devemos fazer.

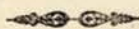
O reinado, que vae abrir-se, deve ligar a antiga gloria das conquistas e das descobertas, á moderna das artes, das sciencias, dos talentos, e da civilização.

Os portuguezes, á força de apontarem para os tumulos vazios de D. João de Castro, de Affonso d'Albuquerque e de Vasco da Gama, tinham tomado o ar do *cicerone* italiano, vaidoso por mostrar aos estrangeiros as ruinas suberbas do Coliseu dos Cezares; isto é, tirando orgulho de uma gloria já hoje *gasta e cançada*, em que se admira a execução maravilhosa dos meios, mas em que a philosophia tem um pouco a censurar quanto aos fins.

Outros são os tempos, outras as idéas, e diferentes os titulos que as nações precisam apresentar para merecer a consideração do mundo. As realezas ainda hoje têm uma influencia decidida nos destinos dos povos. A felicidade social ainda pôde considerar-se em grande parte, devida aos seus esforços. Os do nosso joven Monarcha serão de certo encaminhados á felicidade social dos portuguezes. Quem tem tão largamente preparado o seu espirito; quem tem recebido uma tão proficua e desvelada instrucção; o filho da Augusta Casa de Bragança, o successor ao throno de D. Affonso, de D. João e de D. Manuel, ha de, ao assentar-se n'esse throno, fazer que as glorias que seus maiores adquiriram pelas conquistas, pelas descobertas, pelas vastas dilatações de seus dominios, hoje sejam egualadas pela que resulta a um povo do desenvolvimento da sua civilização e do seu commercio, pelo impulso dado ás letras, ás artes, ás sciencias, a todas as condições de perfeição social, que, fazendo a felicidade dos povos, fazem a gloria dos Reis, e lhes dão direitos aos encomios da posteridade.



VIAGENS.



A PASSAGEM DO NORTE.

(Continuado da pag. 109 do 4.º n.º)

No cabo Bathurst, onde estão actualmente, não tem deixado ainda os grandes esquimós. O commandante, com o medico e o interprete, se dirige a terra, e é ahí recebido por duas mulheres, que lhe fazem muito bom acolhimento; o resto da tribu foi pescar baléas. Os inglezes acham uma aldeola de trinta cabanas com uma povoação de trezentos indios, que os recebem pondo-se na defensiva, armados de arcos e facas. Parece-nos lér uma scena dos romances de Cooper. Os homens brancos levantam os braços acima de suas cabeças em signal de amizade, e os indios mettem as suas flexas nos carcazes de pelles, mas sem largar as facas, e dizem ao interprete: — « Largae as espingardas, e deixaremos as nossas facas. » Então, em testemunho de paz, uns e outros trocam as armas. O interprete entra em uma conversa muito animada com o chefe. propõe-lhe de levar os officios da expedição até ao grande rio (o Mackenzie), promettendo-lhe em recompensa uma espingarda e munições. O chefe explica que não está em comunicação directa com a companhia de Hudson; mas sim com as tribus intermedias, de maneira, diz o commandante Mac-Clure, « que os nossos officios têm de passar por tres tribus de selvagens antes de chegarem ás mãos civilizadas. » Comtudo, o interprete, pelo conhecimento que tem d'estes povos, julga que o proprio chefe os levará ao seu destino. Os indios ficaram maravilhados da facilidade com que o interprete se exprime na sua linguagem, e mostram grande vontade de o conservarem no seu paiz. O chefe apresenta-lhes sua filha, uma linda indiana dos seus quinze annos, que lhes offerece por mulher com algumas barracas e mantimentos. Durante esta troca de civilidades, uma centena de indios e indias cercam os europeus, attrahidos pela vista dos presentes, que o interprete começa a repartir. Tra-

ça-se uma linha de demarcação, que é bem depressa transgredida pela ancia dos indios, e os homens brancos vêem-se obrigados a retirar para a sua chalupa. Mas um grande numero de selvagens têm botas impermeaveis, e é impossivel aos inglezes de resistir á invasão. As mulheres, sobre tudo, que elles não querem maltractar, escalam o bote por todos os lados, e saqueiam tudo quanto podem apanhar. Uma deita mão da bussola, que dá o maior trabalho para se lhe poder tirar. Finalmente, contente e presenteada toda esta gente, os brancos voltam para o seu navio, escoltados por pequenas canôas de selvagens. Um d'elles, que estava a ponto de ir ao fundo, é salvo pelos inglezes, que, para o aquecer, lhe dão uma pouca d'agua-ardente. Bebe, bebe, até as lagrimas lhe virem aos olhos, e então pede agua. Por fim, separam-se como bons amigos.

« Esta tribu, diz o commandante Mac-Clure, é uma raça intelligente, robusta, acciada, e com soffríveis habitações. É para lamentar, que se não tenham feito mais tentativas para a civilizar; e deve-se esperar, que não virá longe o tempo em que estes povos, aliás interessantes, scrão tirados do seu estado de barbaro paganismo. »

No dia seguinte os indios voltam a bordo, dizem ao interprete, que passaram a noite a preparar um banquete para os seus hospedes: haverá baléa, caça e salmão; convidam os brancos a vil-os visitar ao seu campo. Mas o máu tempo embaraça esta visita, e então toda a tribu chega em as suas canôas, que se içam a bordo juntamente com os homens e as mulheres. Vendo as suas canôas em segurança, os selvagens se espalham com uma avida curiosidade pelo navio; os espelhos e as pinturas, que estão em os beliches dos officiaes, attrahem principalmente a sua admiração. As mulheres começam a dançar com os marinheiros, e é com grande difficuldade, que á noite

se pôde conseguir mandá-las para terra. A tribu vive sempre n'esta costa desolada; no inverno vae sobre trenós levar pelles a uma tribu vizinha, que as passa a uma outra, e depois d'isto entra no seu campo.

O *Investigador* despede-se definitivamente dos esquimós, e começa uma viagem penosa a través dos gelos. A partir do cabo Parry, que achámos ainda sobre as cartas, entrámos em uma geographia inedita.

O gèlo achando-se menos forte do lado do Norte, o commandante toma esta direcção, esperando alcançar a terra de Banks, que tinha sido descoberta em 1819 por sir Edouard Parry. Com grande admiração descobre a terra firme; desembarca n'ella, e toma posse em nome da rainha da Grã-Bretanha, dando-lhe o nome de terra de *Baring*, em honra do primeiro lord do almirantado.

Esta nova região vem a formar a extremidade meridional d'esta mesma terra de Banks, cuja parte septentrional está indicada sobre as cartas. Encontra-se ahi musgo e algumas plantas selvagens, gamos, lebres e patos bravos. Esta descoberta é feita a 6 de Setembro de 1850. Depois de ter tocado a terra de *Baring*, o commandante Mac-Clure continúa a sua derrota para Leste, e bem depressa descobre, d'este lado, também uma terra nova, a que dá o nome de *Principe Alberto*. Esta terra não é senão a continuação e a orla septentrional do paiz já conhecido com o nome de *Wollaston* e de *Victoria*.

O *Investigador* continúa a sua derrota; mas d'aqui em diante, como se acaba de vêr, está n'um canal, tendo achado terra á direita e á esquerda. Este canal é denominado pelo commandante, *Estreito do Principe de Galles*, e a sua descoberta é uma das glorias da expedição, porque é uma das passagens do Norte. Pelas explorações feitas no gèlo concreto, achou-se que este canal communica com o estreito de *Barrow*, que, como se pôde vêr sobre as cartas, communica elle mesmo com o canal de *Lancastre*, depois com o mar de *Baffin*, e com o estreito de *Davis*, e finalmente com o nosso Oceano.

Mas até ao presente o gèlo, immovel e impenetravel, tapa esta estreita passagem, e o desgraçado navio lucha em vão contra esta força superior. Além d'isto, a estação vae adiantada, porque estamos em outubro. Os gelos, que se separam da grande massa, impellidos pelos ventos contrarios, avançam contra a embarcação como uma muralha fluctuante, e a fazem recuar, soffrendo abalos terribes. Depois de ter tentado em vão diversas aberturas, e vendo que perde sempre terre-

no, o commandante prepara-se a tomar os seus quartéis de inverno. O mais prudente seria tornar a descer o canal para o Sul, onde a navegação é ainda livre; mas como resolver-se, depois de tantos esforços e perigos, a abandonar o terreno ganho, quando se está talvez tão perto do fim? Toma, pois, a resolução de passar o inverno no centro mesmo da sua conquista. Encrava o navio em um enorme pedaço de gèlo, que lhe fica desde então servindo, como de leito, e que não deixará mais todo o inverno, segurando-se com cabos e amarras, e andando juntos quando succede fluctuar. Durante esta perigosa navegação o navio recebe mais de um abalo violento, e é frequentes vezes impellido contra a costa; mas a sua espessa armadura de gèlo o livra de todo o perigo. Como medida de precaução, e para o caso de ser obrigado a deixar o navio, o commandante faz collocar sobre a coberta mantimentos para um anno, e manda distribuir mantas e botas. Para o caso em que o navio viesse a tombar sobre o gèlo, prepara-se-lhe um leito, no qual elle podesse cair sem soffrer algum damno; esta operação consiste em encher de vento todas as macas, e a fazer com ellas uma especie de colção para o navio. Feito isto, diz o commandante, o gèlo, parecendo sufficientemente consistente, visto haver 7 gráus abaixo de zero, tractámos de completar as nossas disposições domesticas, e preparativos para o inverno.

O navio fica alli nove mezes! Nove mezes immovel, nove mezes fixo, e, por assim dizer, encaixado n'esta prisão de gèlo! Entra para ella no mez de outubro de 1850, e não sae senão no mez de julho de 1851.

O que mais nos admira em todas as façanhas d'estes atrevidos maritimos, não é a coragem com que elles affrontam os perigos, que podem combater. A lucha, sendo possivel, desenvolve no homem sentimentos de orgulho, de dignidade e de independencia, que o animam e o sustentam. Mas o que é realmente bello e grande, é esta socegada intrepidez com que entram vivos em um tumulo, e fecham sobre si a sepultura durante um anno, e ás vezes dois, porque depois d'este primeiro inverno, nós os tornámos a achar em outras paragens, prêsos por dois annos n'estes rochedos de gèlo, e talvez por toda a eternidade.

Uma vez bem estabelecidos, bem aquartelados, bem resguardados nas suas habitações, e seguros de as tornar a achar no mesmo logar, os nossos viajantes vão fazer excursões. O capitão, o tenente *Cresswell*, o doutor *Armstrong*, cirurgião de bordo, e o interprete

M. Miertsching com alguns homens vão a pé até á terra do príncipe Alberto; cravam ahi um mastro e uma bandeira, e tomam posse d'ella em nome da rainha; fazem uma excursão ao interior, onde encontram grandes quebradas, e grandes lagos; depois, quando voltam á praia, acham que o géllo se tem separado da costa quasi uns cem metros. Caminham muitas milhas ao longo da costa, esperando poder embarcar sobre um pedaço de géllo; mas a noite os obriga a pararem. Accendem lume para chamar a attenção do navio; mas estavam muito longe para serem ouvidos. Finalmente, vêem o clarão de suas espingardas e vem-nos buscar em pequenas canôas de caot-chouc. Estas admiráveis pequenas canôas, diz o capitão, eram primeiro assopradas a bordo, e depois, com a maior facilidade, transportadas ás costas d'um só homem, navegando a través dos gelos que teriam despedaçado outra qualquer embarcação. Ellas serviram a transportar uma numerosa porção de individuos que não tinham nem barracas, nem mantas, nem mantimentos, nem fogo, e que estavam expostos a passar a noite a uma temperatura de 8 grãos abaixo de zero.

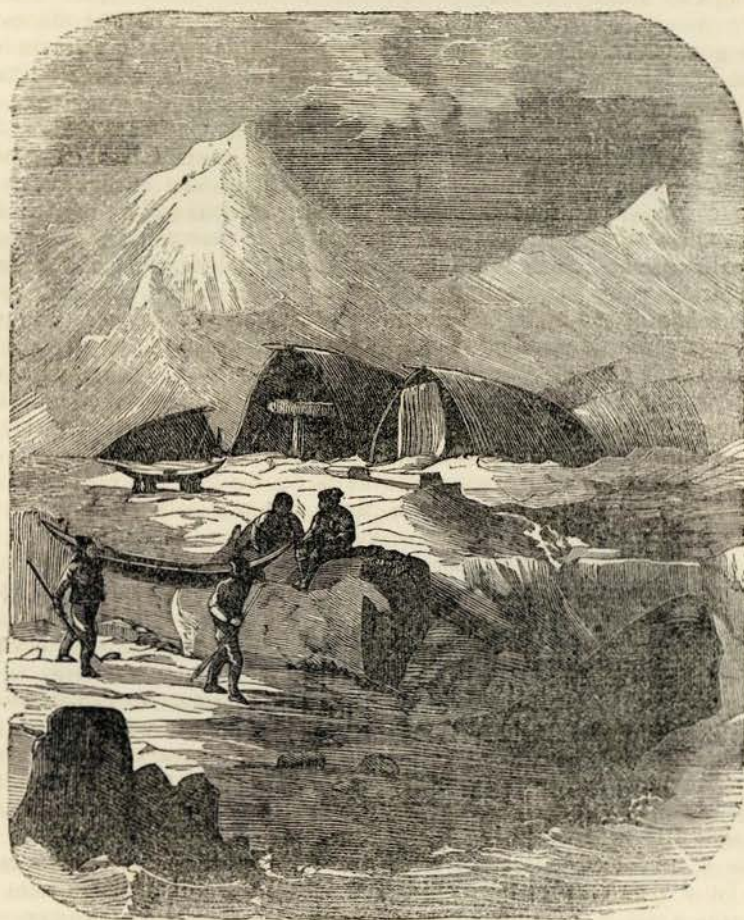
Esta primeira expedição não desanima o capitão Mac-Clure. A todo o custo era necessario que elle descobrisse a saída do canal que devia levar-o ao estreito de Barrow. A 21 de outubro, toma consigo sete homens e põe-se a caminho em um trenó. O trenó quebra-se contra os gelos. Destaca dois homens para ir buscar outro ao navio. Durante este tempo o capitão e seus companheiros estabelecem as suas tendas sobre o géllo, e ficam alli até ao dia seguinte em que lhe trazem um novo trenó. Então continuam sua viagem e marcham durante quatro dias sem outro contra-tempo. Emfim, a 26 de outubro estabelecem a sua tenda sobre a margem do estreito de Barrow; acharam a passagem!! No dia seguinte, pela manhã, o capitão e um dos seus marinheiros, sobem a uma eminencia de 600 pés d'altura; estão na extremidade da terra novamente chamada do príncipe Alberto. D'alli alcançam um horizonte de 40 a 50 milhas, mas não avistam mais do que uma vasta planicie de géllo. A equipagem pela sua parte erige um mastro á entrada do canal, e ahi colloca em um cylindro de cobre a noticia da sua descoberta, e da sua paragem neste ponto.

É preciso voltar ao navio. Partem em a noite de 27, e não chegam senão a 31, correndo um milhar de perigos. Perderam-se com a nevoa, a uma temperatura de 15 grãos. Mas

é necessario ouvir o capitão Mac-Clure contar elle proprio, com uma admiravel e encantadora simplicidade, as vicissitudes romanescas da sua excursão. Esta narração não se acha nos seus officios, é tirada d'uma carta particular que escreveu a sua irmã. « Eu não te contarei toda a minha viagem, diz elle, dir-te-hei sómente que nós chegámos a descobrir esta passagem do Noroeste, ha tão longo tempo procurada, e que tinha zombado dos esforços da Europa marítima, durante 400 annos; e temos assim ajuntado algumas folhas de louro á coroa da velha Inglaterra, e um successo memoravel ao reinado da nossa querida rainha. Costeámos ao principio uma grande ilha, cuja extremidade Norte é a terra de Banks, e que é separada por um canal, do continente americano (porque eu não julgo que seja uma ilha). Dei a esta terra o nome do príncipe Alberto, e é por este canal que, a 26 de outubro, temos estabelecido a importante descoberta da passagem, pois que as suas aguas communicam com as de Barrow. Esta descoberta foi feita por uma expedição de seis homens, um official, e eu, em um trenó.

Fazia um frio extraordinario n'esta epocha tão adiantada do anno, tanto mais que a agua gelada, sobre que eramos obrigados a dormir, não estava sufficientemente coberta de neve para nos conservar livres de humidade, como succede ordinariamente na primavera, em que se pôde habitar debaixo das tendas quente e agradavelmente. A nossa excursão foi pequena: tínhamos gasto dez dias a andar 180 milhas sobre o géllo. O fim é que esteve para me ser funesto. No ultimo dia deixei o trenó para chegar, um pouco antes que os outros, ao navio, e mandar preparar-lhes alguma comida.

Tinha ainda quasi 15 milhas a andar. Pouco tempo depois de ter deixado os meus companheiros, começou uma nevoa espessa; no entanto, em quanto durou a claridade do dia, e pude vêr a minha bussolla, fui bem; mas ás cinco horas veio a noite e perdi-me no caminho. Achei-me mettido em pedaços de géllo tão solidos e tão duros como pedras de calçada, e em que entropçava e caía a cada instante, com todo o risco de quebrar os braços, a cabeça e as pernas. Fui obrigado a parar, estando cheio de cançasso, porque apenas tinha comido um tristissimo almoço ás 7 horas da manhã. Arranjei uma cama, quanto possivel commoda, sobre a neve, e abrigada com um enorme pedaço de géllo, introduzindo n'ella as pernas até ao joelho para impedir os dedos dos pés de gelar. Adormeci



CABANAS DOS ESQUIMÓS.

bem depressa, e quasi á meia noite fui acordado por um brilhante meteoro que atravessava o céu. Levantei-me, e vendo uma noite brilhante de estrellas, e com uma bella aurora, dirigi-me para o lado do navio. Mas, tendo esgotado todas as minhas munições, não podia attrahir a attenção de bordo; então andei divagando até que fosse dia, e tive a satisfação de vêr que tinha passado quatro milhas além do navio. Mettendo-me outra vez no caminho, encontrei muitos rastos d'ursos; mas cheguei ás 8 horas são e salvo, posto que houvesse um frio de 15 grãos abaixo de zero, e que tivessem decorrido 25 horas sem comer nada.»

Narrações analogas podem encontrar-se em outras historias de viajantes; mas eis-aqui o que é inteiramente pessoal e caracterisco.

Depois de ter contado os perigos por que passou, o bravo marítimo continúa:

« Por este, e por muitos outros favores da Providencia, que nos têm sido prodigalizados durante esta perigosa viagem, nosso mais sincero reconhecimento é devido ao Ser Supremo, cujo dedo protector pôde só dirigir os nossos passos em um mar de que toda a sciencia e toda a industria do homem não teriam podido cortar os gelos. Seguramente, contemplando estas poderosas obras da natureza, não podêmos deixar de pensar que o braço, que sustentou a primeira arca feita de madeira, quando ella fluctuava sobre as aguas d'um mundo todo inundado, é o mesmo que tem guiado a nossa arca feita de madeira ingleza, e que os habitantes d'esta ultima hão de voltar a gozar das bençãos da sua patria,

o que será um outro milagre da bondade divina.

Muitas vezes eu digo com a mulher de Menoch: « Se Deus tivesse tido o designio de nos fazer morrer, não nos teria mostrado tantas e tão grandes misericórdias. »

Este sentimento intimo da Biblia, tão commum aos inglezes, os segue por toda a parte; acompanha-os em todos os seus trabalhos, sustenta-os em todos os perigos.

Quando o califa Omar queimou a bibliotheca d'Alexandria, disse: se estes livros não contêm senão o koran, são inúteis; se contêm mais alguma cousa do que elle, são prejudiciaes. » Assim são os inglezes com a sua biblia.

Este livro unico lhes basta; contém tudo. E quando os seguimos nas excursões heroicas que fazem ás regiões inexploradas, não podemos deixar de abrir com elles o livro dos livros.

Estes intrepidos gastadores, estes percursores da civilização, que abrem á humanidade novos caminhos, nos apparecem como Moysés indo á conquista da terra da promessa. A muitos é-lhes dado avistal-a do alto da montanha, a poucos lhes é permittido ahi entrar. O Deuteronomio diz: — Moisés subiu, pois, ás planicies de Moab sobre a montanha de Nébo... e o Senhor lhe mostrou toda a terra de Galoadatédan... e o Senhor lhe diz: — « Eis aqui a terra que eu prometti a Abrahão, Isac e Jacob; eu a darei á vossa posteridade. Tu a viste com os teus olhos; mas não entrarás n'ella. »

Assim, quando Parry, depois de ter desco-

berto o estreito de Lancastre, e o de Barrow, chegou até á terra de Melville, poudo descobrir do alto da praia, e a través da barreira invencivel dos gelos, a terra de Banks, a que seus compatriotas chegaram quasi quarenta annos depois, mas não lhe foi dado a elle alcançal-a. Assim talvez que este Franklin, cujos vestigios hoje se seguem, tenha podido descobrir de longe estas regiões de que seus percursores, mais felizes, acabam de fazer a conquista; talvez elle tenha succumbido a um extremo esforço feito para a alcançar; talvez que, em quanto mãos corajosas e cheias de affecto, procuram em as neves e os gelos, e sondam a terra e o mar, para o descobrir morto ou vivo, esteja elle sepultado para sempre nos mysterios do abysmo, e então se possa dizer d'elle com a Biblia: « e Moysés, servo do Senhor, morreu alli, na terra de Moab, por mandado do Senhor; e foi enterado no valle da terra de Moab... e homem algum até hoje conheceu o logar da sua sepultura. »

Por a sua parte, o capitão Mac-Lure, aquelle de que nós aqui contámos a viagem, tambem viu ao longe a sua terra, ou antes o seu mar da promessa. Do alto da montanha viu a estrada que communicava com o outro Oceano, e que realizava os sonhos seculares dos navegantes. Mas o gèlo oppoz-lhe uma barreira invencivel, e nós o veremos, depois d'um anno inteiro de espera, obrigado a voltar para traz, e procurar um outro caminho. Contaremos no seguinte artigo estes novos prodigios de coragem, de industria, e de perseverança.


ALHAMBRA.

CONTOS DE GRANADA.

(Continuados de pag. 14 do 4.º n.º)

VIII.

O Pateo dos Leões.

 viajante, avido de gozar todos os prazeres dos logares que explora, não deixa escapar occasião alguma de exercitar as faculdades pensadoras da sua imaginação, para reproduzir em roda de si,

n'uma especie de sonho, as scenas dramaticas dos seculos passados. Nenhuma parte d'Alhambra é mais fecunda em terriveis recordações do que o famoso Pateo dos Leões. A rara elegancia de sua architectura tem, por um extraordinario favor do tempo, conservado todo o esplendor primitivo do edificio. Commoções volcanicas têm por diversas vezes abalado o solo, gretado as torres, e feito

abater os alicerces; e apesar d'isto nenhum arco do Pateo dos Leões tem soffrido, e póde dizer-se que alguma força magica tem protegido a obra dos artistas musulmanos.

Escrevo estas paginas nas primeiras horas do dia; alguns passos diante de mim está a fonte que bebeu o sangue dos Abencerrages: — o jacto d'agua perpetuo não tem podido lavar esta nodoa de barbaridade. Como acreditar, se a historia alli não estivesse, como suppor uma equal scena de horror representada em logares tão arrebatadores? No fim da tarde é que é mister recordar as circumstancias da morte dos Abencerrages; a noite, arrastando pelas salas desertas a sua mortalha de sombras, evoca em tórno de nós as personagens d'esta terrivel tragedia.

Entremos na *sala da justiça*, cujas arcadas formam um dos lados do Pateo dos Leões; é aqui que teve logar uma festa religiosa para solemnizar a posse que tomou d'Alhambra, Fernando d'Aragão, e Isabel de Castella. A parede ainda conserva a cruz lavrada, por baixo da qual se levantava o altar onde os altos dignatarios do clero celebraram o officio divino. A imaginação representa ainda este magnifico cortejo de brilhantes cortezãos, frades com habito austero, guerreiros scintillantes d'aço, e principes da egreja com toga de purpura, esta confusão de armaduras, pendões, cruces, estandartes, orgulhosos signaes da victoria, e d'este dominio terrivel que ia perturbar até aos ultimos vestigios as voluptuosidades musulmanas. Hoje o silencio tem substituído tudo isto. O morcêgo habita sómente o theatro das magnificencias d'outro tempo, e apenas alli se ouvem os pios roucos das aves nocturnas que brigam na proximidade da torre de Comarés.

N'uma d'estas tardes recuei com medo, vendo um mouro assentado junto á fonte dos Leões. Pareceu-me ver o phantasma de algum dos antigos habitantes d'Alhambra. E não era mais do que um *pobre diabo* vindo de Tetuan, que vendia plantas aromaticas, e medicamentos n'uma logesinha em Zacatin de Granada. Fallava soffrivelmente hespanhol, o seu olhar tinha intelligencia, e por isso tratei de o interrogar; disse-me que muitas vezes, passadas as horas da venda, vinha scismar nos recintos mais isolados d'Alhambra nas grandes perdas da sua nação. Atribuía a sua decadencia á memoria do rei Boabdil. Muley-Hassan, exclamou elle com pezar, era um homem de genio; porém Boabdil, vivo ainda seu pae, estorvava-lhe os grandes projectos, e minava o seu poder, excitando desgostos no exercito, e intrigas no palacio. Possa Deus,

que vinga as nações trahidas, repellir este principe indigno do paraizo dos fiéis crentes!... Acabando estas palavras, o mouro levantou-se precipitadamente, e retirou-se com a cabeça inclinada sobre o peito. Lembro-me, a este respeito, d'uma conversação, que, haverá alguns annos, teve um amigo meu com o governador de Tetuan. Depois de muitas questões curiosas ácêrca do estado da Hespanha meridional, este musulmano disse-lhe com o accento da mais religiosa convicção, que a prosperidade dos hespanhoes estava a findar, e que estava proximo o dia em que os mouros recuperariam seu antigo dominio. É entre elles uma crença que se transmite d'uma geração a outra, e por isso evitam com cuidado os casamentos deseguaes para não alterar a pureza de sua raça á qual estão promettidas tão grandes esperanças; e a baixa classe do povo considera com verdadeiro respeito os descendentes d'algumas familias em outro tempo poderosas, nas quaes são guardadas as tradições da auctoridade soberana. Nas casas de muitos d'estes exilados conserva-se a planta dos palacios que seus avós possuíam em Granada, e nas demais cidades mouriscas, ha mesmo alguns que poderiam mostrar as chaves d'estas antigas habitações. Estas provas de seus direitos são aos seus olhos titulos mais preciosos do que os escudos cobertos de brazões, e quando chegar o dia d'uma restauração musulmana a guerra dos pretendentes succederá ao triumpho da invasão.

O Pateo dos Leões é fertil em lendas populares. Mestre Mattheus Ximenes conta a todos os viajantes a aventura acontecida a seu avô, o alfaiate, que servia de *cicerone* aos visitantes, mostrando-lhes as curiosidades d'Alhambra. Atravessando uma noite, aos raios da lua, o Pateo dos Leões, pareceu-lhe ouvir passos mui de leve, do lado da sala dos Abencerrages. Presumindo que fosse algum viajante que recolhendo-se tarde se tivesse perdido naquelle labyrinth de galerias resolveu ir ao seu encontro; — mas qual foi o seu terror á vista de quatro guerreiros mouros que dentro da sala passeavam gravemente, e que lhe acenavam para que se approximasse! O pobre homem fugiu, e ainda correria se não tivesse morrido. Os maliciosos da visinhança pretenderam que elle tinha gasto a sua fortuna, e que os phantasmas sem duvida queriam indicar-lhe o logar onde estão occultos os thesouros de Boabdil. Outra pessoa foi, segundo parece, mais feliz do que o pobre alfaiate, pois chegando á Alhambra, pobre como Job, retirou-se ao cabo d'um anno, com

uma somma avultada, que se ignora d'onde lhe proveio. Hoje é um rico proprietario de Malaga; e Mattheus, que não é feiticeiro, attribue esta fortuna phantastica a causas diversas da protecção dos espectros dos Abencerrages.

IX.

Recordações de Boabdil.

Poucos destinos reaes foram tão extraordinarios como os de Boabdil; e não é sem razão que seus vassallos o appellidaram — desgraçado. —

Captivo desde o berço, ameaçado de morte por um pae d'uma feroz crueldade, deveu a sua salvação ás precauções de sua mãe. A proporção que ia crescendo a ambição de seu tio, os accidentes da guerra, e as perturbações da politica cercaram seus dias de perigos continuamente nascentes. Nas vicissitudes de sua fortuna foi sempre enganado pela astucia do rei Fernando, a perda de sua coroa foi tanto obra da perfidia como da violencia. Expulso do paiz, que tinha governado, achou um refugio em Africa onde morreu obscuramente ao serviço de um principe barbaresco, que lhe vendeu a hospitalidade. Todos os historiadores têm censurado muito os actos do seu reinado: o processo crime de adulterio que intentou contra sua innocente mulher; o assassinato de sua irmã, e de seus dois sobrinhos, e finalmente a matança dos Abencerrages tem dado assumpto para os romancistas e novelistas fabricarem muitas obras. O nome de Boabdil é exposto á execração de todos os viajantes que passam por Granada; e apesar d'isto somos forçados a reconhecer, depois de um consciencioso exame, que estes crimes, imputados á memoria d'um principe infeliz, não se acham justificados de maneira alguma nas chronicas arabes. Os romances são de todos os tempos, e nenhuma epocha foi mais fertil n'este genero de fabulas do que a do imperio mourisco. Seria talvez impossivel pôr em duvida a existencia absoluta dos factos attribuidos a Boabdil; porém parece bastante demonstrado, pelos monumentos historicos que têm chegado até nós, que estes actos de crueldade devem ser attribuidos ao pae, a respeito do qual tanto as chronicas arabes como as hespanholas têm apresentado um juizo incontraverso. Aben-Hassan ordenou a morte dos Abencerrages, sob o pretexto de haverem conspirado. O processo e prisão da mulher de Boabdil procedem da mesma origem. Aben-

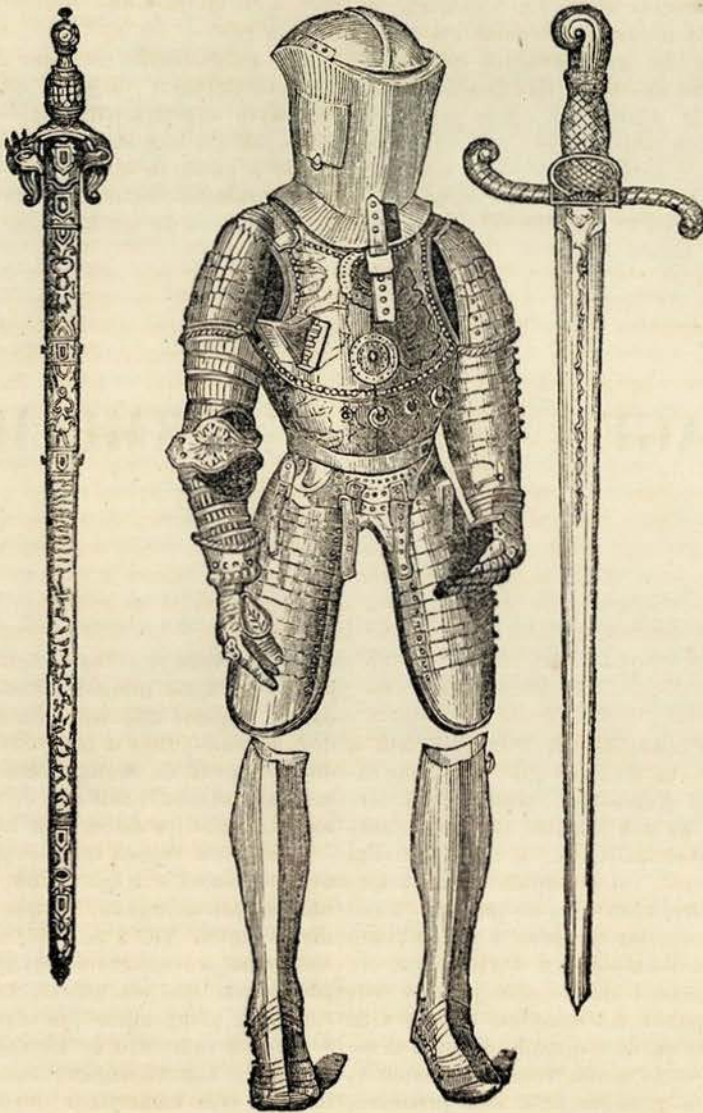
Hassan tinha-se casado com uma captiva christã de quem tinha dous filhos. Esta mulher, devorada de ambição, não cessava de irritar o rei contra os filhos que tinha tido das mulheres musulmanas, a quem accusava de conspirarem contra a sua vida e coroa. Aben-Hassan commetteu muitos assassinatos por instigações suas. A mãe de Boabdil não pode escapar ás crueis suspeitas do tyranno, que a mandou prender, juntamente com seu filho, n'um carcere da torre de Comarés, e este alli teria fallecido, se os estratagemas de sua mãe, não lhe favorecessem a fuga, formando-lhe com os cintos de suas aias uma corda. Boabdil refugiou-se em Cadiz. — Eis-aqui o unico facto no qual a historia tem baseado o romance d'uma rainha accusada de adulterio.

Em quanto ao mais é mister fazer justiça a Boabdil: seu reinado, tão curto e desgraçado, não foi destituido de grandes e nobres acções. A clemencia, qualidade dominante do seu character, não o deixou proceder com rigor senão contra os rebeldes. Não lhe faltou bravura pessoal para lhe assegurar a victoria; mas não tinha a coragem moral necessaria, que faz tirar partido dos revezes pelo bom resultado de suas emprezas. Na hora do perigo a hesitação o punha sempre em risco, e acabou pelo perder. Se alguma cousa se lhe deve vituperar, é de não ter soffrido com grandeza d'alma a perda de sua fortuna.

O retrato d'este principe ainda existe n'uma das galerias do Generalife. Em suas feições regulares está estampada a melancolia; cabellos quasi louros, e uma certa pallidez tornam seu rosto um pouco effeminado. Adivinha-se n'esta pintura um character fraco e irresoluto; mas não se lhe conhecem os habitos crueis que se tem attribuido a Boabdil.

Visitei na torre de Comarés a prisão onde passou a sua infancia; é uma especie de masmorra, situada por baixo da sala dos Embaixadores; sua mãe occupava outra, que lhe ficava contigua. A abertura d'estes carceres, que parecem cavados em muralhas de uma espessura colossal, é fechada exteriormente por uma enorme grade de barras de ferro. Existe por baixo uma estreita cornija, que se estende aos tres lados da torre a grande distancia do solo, e é indubitavelmente por alli que Boabdil pode escapar-se.

Taparam o portico que viu sair d'Alhambra o ultimo rei mouro para nunca mais alli voltar. Porém esta parte do edificio, pôde dizer-se que hoje já não existe: pertencia ás torres que os francezes arrazaram antes de abandonarem o castello. Pedras colossaes ja-



ARMADURA DE BOABDIL.

zem por terra abraçadas por alguns ramos de figueiras bravas e de vides. Só o arco do portico subsiste ainda assentado sobre um montão de ruínas.

O caminho, que Boabdil seguiu, deixando a Alhambra, costeia a collina dos *Martyres*, e entranha-se de repente n'um tremedal coberto de aloes e de arbustos parasitas, que, formando um espesso tecido, abrigam uma população de *gitanos*, que se aloja em cabanas de caniços, e disputa os covis ás feras. Sain-

do da quebrada, o atalho transforma-se em estrada; atravessa-se a porta dos *Moinhos*, e está-se nas margens do Xenil, no passeio publico do Prado, perto de uma antiga mesquita convertida hoje em ermida com a invocação de S. Sebastião. Segundo uma inscripção gravada n'uma lamina de marmore embutida na parede, foi alli que Boabdil entregou ao rei de Castella as chaves da sua capital. Mui perto está o casal da *Vega*, onde a mãe e a irmã do desgraçado fugitivo esperavam que

elle se lhes reunisse com alguns criados, para todos juntamente seguirem o caminho do exilio. Passado o casal, chega-se em pouco tempo á ponta de uma elevação, que ainda conserva o nome de collina das *Lagrmas*, onde Boabdil pela ultima vez olhou para Granada. Um pouco mais adiante o terreno torna-se arenoso, e perde-se por entre matagaes desertos. — Conta-se que a velha mãe de Boabdil, vendo a magoa de seu filho alliviar-se com lagrimas, não poude deixar de lhe dizer : —

« Vós tendes razão de chorar como uma mulher aquillo que não soubestes guardar como um rei! . . . »

« Se eu estivesse no logar de Boabdil, exclamava Carlos V, a quem um dos cortezões recordava aquellas palavras — ter-me-hia antes sepultado nas ruinas d'Alhambra, do que tornar a passar o circulo dos Alpujarras. »

O orgulhoso imperador estava ainda longe de se lembrar de ser frade no mosteiro de S. Justo. (Continúa.)

VIAGEM AO MAR VERMELHO.

ADEN. — MOKA. — DJEDDA.

I.

ENTRE as sensações, que experimenta o viajante, ha muitas, que, posto que inquinadas d'egoismo, ainda assim deramam na sua alma as suaves doçuras de uma ineffavel satisfação. Á vista das suas notas sem nexos, interrompidas a cada momento pelas circumstancias da jornada, á vista de seus bosquejos traçados á pressa, ora sob os raios ardentes do sol dos tropicos, ora sob os céus gelados das regiões polares, elle contempla o panorama completo da sua vida agitada. N'este quadro, quando o tempo já lhe quebrou as arestas muito vivas, e esbateu as sombras muito pronunciadas dos primeiros planos, as recordações espalham sobre o todo um colorido harmonioso. Então sente-se este vago prazer do rico, que, assentado junto de um bom fogo, ouve o sopro gelado do inverno gemer no exterior, e vê a neve traçar nos vidros os seus graciosos arabescos.

É, sobretudo, no Oriente, que o viajante pôde enthesourar para o futuro uma rica collecção de recordações saudosas e profundas impressões: junto do herço do mundo, tendo por companheira de viagem a mysteriosa antiguidade, cada um de seus passos approximando-o dos logares em que se cumpriram os destinos de seus primeiros paes, parece tambem approximal-o do Deus que então se lhes revelava.

O Mar Vermelho, este lago santo, que viu junto das suas margens desenrolarem-se todas as paginas dos differentes dramas sagrados, tornados hoje a base das crenças de todos os povos do mundo, offerece a todas as pessoas, sabios, poetas, e artistas, materia a seus trabalhos e estudos de predilecção.

Este vasto espaço d'agua, do comprimento de 300 legoas e largo de 60, tem a fórma de uma ellipse alongada, de que o eixo maior se dirige de N. NE. a S. SE.; o nome de Mar Vermelho provem-lhe de um animalculo de côr purpurina, que em uma certa epocha do estio cobre a superficie das suas aguas, porque o fundo é composto de formações corallicas e elevações sub-marinhas, assentes sobre um fundo d'arêa amarellada, fornecida pelos detricos das rochas gypsosas do littoral, e pelo pó que arrasta continuamente o vento do deserto.

Duas qualidades de ventos contrarios e oppostos reinam annualmente n'estas paragens: o vento do Sul sopra desde Bob-el-Mandel até Djedda, e o do Norte desde Suez até este mesmo ponto; uma zona de bonança e de brizas variaveis separa o logar do encontro d'estas duas correntes de ar, e permite ao commercio de cabotagem arabe uma communicação sempre facil entre as duas margens oppostas. A causa d'este phenomeno meteorologico é facil de explicar, quando se pensa na immensa extensão d'arêas abrazadoras, offerecidas pela peninsula arabica á rarefacção do ar, e

por consequencia á deslocação das columnas mais frias vindas do Norte para o Sul. É para admirar que Mahomet não tenha procurado cobrir com o véu religioso estes phenomenos todos physicos, porque se nota que em todos os pontos em que se segue o islamismo, o vento é favoravel na epocha do Rhadaman a todos os navios que transportam a Djedda os peregrinos attrahidos pela santa Quaresma.

Á entrada do Mar Vermelho, e sobre os limites do Oceano indico, se eleva um vulcão extincto, na cratera do qual os arabes tinham fundado a cidade d'Aden, capital de um estado do mesmo nome, onde, desde longos annos, um principe, descendente do *imanat* do Hyemen, governava uma população activa e numerosa; um porto seguro e profundo, cujas aguas banham a face norte do vulcão, recebia todos os dias navios arabes carregados dos productos da India, e numerosos rebanhos creados pelos pastores bereberes nas praias da Abyssinia. Estas vantagens tornaram Aden um porto commerciante, e naturalmente fortificado; assim não escapou elle ao genio dos inglezes: depois de terem estabelecido na cidade algumas relações commerciaes: tomando por divisa, — *dividir é reinar*, — cobriram este paiz da rêde fatal da sua politica. Bem depressa, pelas suas diligencias, um irmão ambicioso se pôe á frente de uma revolta, e lhe vende, a trêco de uma grande pensão, o resultado da sua victoria e do seu crime; é então, em 1839, que a Europa admirada sabe que a Inglaterra possuia, ás portas do Mar Vermelho e sobre a grande estrada das Indias, uma segunda Gibraltar.

A península d'Aden é formada por grandes massas de lavas extinctas; uma restinga de arêa, estreita e pouco profunda, a liga unicamente á terra do Hyemen; para além a vista se perde no meio das dunas d'arêa e planicies aridas de um aspecto desolador. A natureza tinba feito muito para tornar este rochedo inexpugnavel, a arte fez o resto. Cada angulo, cada esplanada do rochedo, accessivel ao passos humanos, recebeu uma peça d'artilheria, que desde então ameaça o arabe errante ainda ao redor da sua primeira morada; nenhum d'elles pôde chegar a esta gigantesca fortaleza sem passar por um comprimento *tunnel* cavado no rochedo, e assim mesmo ha de primeiro ser apalpado e desarmado á porta da entrada.

A cidade, pequena e suja, offerece o aspecto constante de todas as cidades arabes, acanhadas e infectas, onde reina um perpetuo calor reflectido continuamente das pare-

des formadas de lavas vulcanicas: uma pequena mesquita, bazares immundos, grandes quartéis, onde o typho e a peste dizimam uma guarnição de soldados inglezes, são apenas os objectos dignos de fixar a attenção.

É ao pé dos rochedos e sobre o golfo de Aden, que o commercio e o governo têm fixado sua residencia. Alli embarcam e desembarcam sem cessar milhares de toneladas de carvão de pedra, capazes de alimentar esquadras inteiras a vapor; sobre a praia desolada vaguciam grandes Parsis (persas discipulos de Zoroastro, adoradores do fogo) com seus grandes bonnets d'Astrakan, seus vestidos brancos, a cuja cintura pendem o tinteiro e pergaminho classicos, entregando-se, com toda a seriedade do judeu, ás transacções commerciaes. Porque n'este ponto a energia da Inglaterra tem de ceder diante da inclemencia d'um céu tão terrivel, e deixar nas mãos dos desgraçados proscriptos o estandarte industrial que ella tem arvorado em todos os paizes do mundo.

Deixando Aden no momento em que os cumes elevados do seu vulcão começam a desaparecer no horisonte, a margem africana apparece do lado opposto, e estas duas terras, apertando successivamente o braço do mar que as separa, vem formar ao Norte o estreito de Babel-Mandeb. Este cabo está situado sobre a costa d'Asia; baixo e formado d'arêa, constitue, com os rochedos africanos chamados *Irmãos*, o estreito que tem o mesmo nome de Bab-el-Mandeb, e que ainda é dividido em duas passagens pela ilhota vulcanica de Mehan. A terra da Abyssinia, mais alta do que a da Arabia, apresenta diversas camadas de rochedos calcareos, amontoados confusamente, e mui semelhantes ás ruinas d'um edificio gigantesco. É provavelmente pelo aspecto terrivel e desolado d'estes logares, que esta passagem recebeu dos arabes o nome de — *Porta das lagrimas*.

Seguindo a passagem do Sul, e approximando-se das praias arenosas do Hyemen, os navios continuam a sua derrota sempre tranquilla. Bem depressa, no meio d'um fundo de verdura, apparece uma cidade com os seus muros muito brancos, e agradavelmente collocada no declive d'uma collina, que vem terminar á borda do mar: é Moka. Os raros navios, que se acham na sua enseada, aberta a todos os ventos, são os que esperam do interior a chegada das caravanas carregadas do delicioso café, cuja fama é universal. Para conservar o aspecto pittoresco, que esta cidade offerece vista do largo, é preciso não desembarcar: no seu sólo os pés apenas cal-

cam ruínas; uma rua larga, e uma mesquita de construção pouco commum, são as únicas curiosidades que merecem ser mencionadas.

Em 1708, Moka vio fluctuar em seus muros a bandeira franceza, n'esta epocha a França lançava as bases d'um estabelecimento destinado a reunir á metropole as suas possessões na India; estabelecimento que caiu bem depressa com o edificio commercial, que tornava o nome francez tão forte e tão poderoso entre os estrangeiros.

Depois os inglezes os imitaram n'aquella parte da Arabia; mas estes souberam conservar uma influencia que augmenta todos os

dias, e uma posição que torna extremamente poderosa a vizinhança de Aden, e o abandono das cidades de Hyemen pelo pachá do Egypto.

Afastando-se de Moka, continua a seguir-se a costa arabica, indicada sómente no horizonte pelo clarão ardente, devido á forte reflexão das aréas. Debaixo d'um sol de fogo, que abraza o ar com os seus raios, a brisa sêcca do deserto vem ainda augmentar os soffrimentos do viajante: cousa alguma para descansar e distrair a vista, excepto algumas ilhotas calcinadas e os pesados barcos arabes, que impelle a custo uma brisa ligeira.

(Continúa.)

LITTERATURA.

IGNEZ DE LAS SIERRAS.

(Continuado da pag. 18 do 3.º n.º)

IV.

No mesmo instante pegou na mortalha, e não a tornámos a ver; a escuridão dos pontos mais afastados da sala tinha-a já roubado para sempre aos nossos olhos. — Atirei-me diante de Sergy, e agarrei-o com força. Boutraix, restituído a si pelo perigo do seu camarada, tinha vindo ajudar-me. Até Bascara se levantou.

— Senhor, disse eu a Sergy, como mais velho, como mais antigo no serviço, como vosso amigo, como vosso capitão, prohibo-vos de dar um passo! Não vês tu, desgraçado, que és responsavel pela vida de nós todos? Não vês que essa mulher, cheia de encantos, é verdade, não é mais do que o instrumento de que se serve uma quadrilha de ladrões, escondida em algum canto d'este maldito castello, para nos separar e perder? Se estiveses só e livre de dispôr de ti, comprehenderia a tua funesta cegueira, e só poderia lamentar-te; Ignez tem tudo o que é necessario para justificar um similhante sacrificio. Mas pensa que só esperam vencer-nos, separando-nos, e que, se devemos morrer aqui,

deve ser d'outro modo, não por um stratagem grosseiro; seja ao menos vendendo caro as nossas vidas ao assassino. Sergy, antes de tudo pertences-nos, e não nos has de deixar!

Sergy, cuja razão parecia combatida por uma chusma de pensamentos contrarios, olhou para mim fixamente e cahiu sem forças n'uma cadeira.

— Tractemos agora de nós, meus senhores, disse eu, fechando com muita difficuldade a porta sobre os gonzos cheios de ferrugem. Façamos com estes moveis velhos uma barricada que possa servir-nos de muralha. Em quanto a deitarem a baixo com um ataque, que julgo infallivel, teremos tempo de apromptar as nossas armas. Estamos em estado de resistir a vinte salteadores, e duvido que os haja aqui.

— Tambem eu duvido, disse Boutraix, depois que se tomaram estas precauções, e que nos tornámos a achar em roda da mèsã, á qual se tinha enfim assentado Bascara, alguma cousa tranquillizado pelo nosso ar resolutu. As medidas, que o capitão acaba de tomar, são aconselhadas pela prudencia, e o

guerreiro mais intrepido, pondo-se ao abrigo d'uma surpresa, nada faz indigno do seu valor; mas a idea que se forma d'este castello parece-me destituída de toda a verosimilhança. Uma quadrilha de salteadores não podia vir occupar impunemente, no tempo em que vivemos, debaixo do terror das nossas armas, e no meio da actividade infatigavel da nossa policia, as ruinas d'um velho edificio, a meia legua d'uma grande cidade. É uma cousa mais impossivel ainda do que todas aquellas cuja possibilidade negámos ha pouco.

Assim parece com effeito, disse eu gracejando; e vós, Boutraix, parece-vos que Voltaire e Piron seriam da mesma opinião?

— Capitão, replicou elle com uma fria dignidade de que eu o não julgava capaz, e que lhe era inspirada sem duvida pela natureza das novas ideas, ás quaes o seu espirito começava a entregar-se.

— A ignorancia e a presumpção das minhas opiniões mereciam essas ironias de que, por consequencia, me não offendo. Imagino que Voltaire e Piron não explicariam melhor do que eu, o que ha pouco se passou diante de nós; mas, prescindindo d'esse acontecimento e de tudo o que poderá ainda seguir-se-lhe, haveis de me permittir que pense, que os inimigos com que temos de nos haver agora, não têm precisão de achar as portas abertas.

— Accrescentae ainda, disse Bascara, que um tal expediente é indigno de ladrões por pouco ladinos que sejam. Enviar-vos essa Ignez, que quereis considerar como sua cumplice, seria despertar a vossa attenção, em vez de a distrahir. Suppor-lhes-heis vós o pensamento de que podesse achar-se um homem asseaz louco (peço perdão ao senhor Sergy) para seguir um phantasma á sepultura? Ou procurariam esta prodigiosa appareição unicamente para vos divertir? Não era mais natural deixar-vos passar a primeira parte da noite entregues a uma inteira confiança, e esperar o momento em que, tomados do somno ou do vinho, não lhes desseis mais do que o trabalho de vos assassinar sem perigo, se os vossos despojos, mais proprios para os denunciar do que para os enriquecer, lhes houvessem despertado a cubiça?— Quanto a mim, não vejo n'uma tal explicação mais do que o esforço de um espirito incredulo, que se obstina contra a evidencia, e que antes quer crer nos calculos da sua errada prudencia do que nos milagres de Deus.

— Muito bem, senhor Bascara, repliquei eu, não é possivel discorrer melhor, e sou da vossa opinião. Mas se esta explicação não

é boa, julgais que não terci outra em reserva? Parece-me que estaes agora sufficientemente tranquillizado para me ouvir, e o socego perfeito que se seguiu aos vossos terrores, tão depressa dissipados, fornecer-me-hia, quando fosse necessario, mais uma prova. Não conhecereis esta maravilhosa cantora, esta dançarina incomparavel que tendes provavelmente em reserva para a abertura do theatro de Barcelona? Não seria engraçado experimentar, n'uma scena admiravelmente conduzida, o effeito que ella faria sobre a sensibilidade irritavel de tres amadores apaixonados, cujo enthusiasmo pôde servir de garantia aos vossos lucros futuros? A vossa vaidade hespanhola não conceberia com tal ou qual prazer a idéa de inspirar ao mesmo tempo um movimento de inquietação e de receio a tres officiaes francezes? Que me dizeis a isto?..

— Ah! Ah! disse Boutraix, que só procurava um pretexto para se tornar outra vez um grande philosopho, sorrindo-se, e acabando de despejar o copo. Que dizeis a isto, senhor empresario?

Sergy, que até alli se havia conservado submerso no seu reflexivo abatimento, ergueu para nós os olhos menos tristes, e menos desvairados. A idéa de encontrar Ignez na terra dos vivos tinha-lhe alliviado alguma cousa a sua dôr, entrevia a esperanza de a poder chamar para o pé de nós, e de a tornar a vêr. Escutou. Bascara encolheu os hombros.

— Permitti, continuei eu, pegando-lhe na mão: este gracejo não é de mau gosto para nos escandalizar, e tomámos muito prazer n'elle, para que vol-o levemos a mal. Accrescentarei mesmo que cada um de nós pagará de muito boa vontade o seu logar na sua repetição; mas agora, a comedia está representada, e deveis-nos revelar o segredo, como homens honrados de quem se não zomba impunemente, e que um individuo como vós, deve estimar ter por amigos. Explicae-vos com franqueza, deitemos abaixo estas barricadas inuteis, e mandae entrar Ignez! Previno-vos de que toda a reticencia, prolongada além dos limites que a nossa civilidade quer marcar, se tornaria uma injuria atroz, que vos fariamos pagar cara! Porque não respondeis?

— Porque é inutil responder, disse Bascara. Um unico momento de reflexão ter-vos-hia poupado o trabalho de me interrogar.

— Realmente, senhor!

— Continuades ainda? Parece-me que fui bastante claro!...

— Da clareza não duvido eu, disse Bascara; mas a verosimilhança onde está? Ora escutae-me. Não é verdade que me encontrastes esta manhã na carruagem de Estevão? Não é verdade que n'ella tomastes logar ao pé de mim? Não é verdade que eu não podia esperar-vos? Não é verdade que não vos deixei depois um instante sequer?

— Isso é verdade, disse Sergy.

— É verdade, é verdade; disse Boutraix.

— Continuemos, accrescentou Bascara: podia eu prever a tempestade inesperada que nos tomou d'improviso ao sahir de Gironna? Podia eu adivinhar, que não havíamos de chegar hoje a Barcelona? Podia adivinhar que a estalagem de Mattaró estava cheia? Podia adivinhar que havieis de formar o temerario projecto de passar a noite n'este castello de Ghismondo, cujo aspecto basta por si só para fazer arripiar os cabellos na cabeça dos viajantes? Não combati esta resolução com todas forças, e se vos acompanhei, não foi quasi violentamente?..

— É verdade, disse Boutraix.

— É verdade, disse Sergy.

— Esperae, continuou Bascara: com que fim organizaria eu esta prodigiosa intriga? Com o de tentar sobre tres officiaes da guarda de Gironna a estrêa d'uma cantora, d'uma dançarina como a que acabastes de vêr! (uma vez que gostaes de lhe chamar assim, não me opponho a isso.) Com effeito, meus senhores, fazeis muita honra á munificencia de um pobre emprezario de provincia, suppondo que elle dá *gratis* semelhantes representações! Oh! se eu tivesse uma actriz como Ignez; (possa a misericórdia divina estender-se sobre ella!) havia de ir expol-a a apanhar um catarro mortal nas abobadas humidas d'este castello de maldição, ou a torcer um pé no meio das ruinas?! Havia de ir conduzi-la a Barcelona, onde não ha agua para beber depois da guerra, quando fazia a minha fortuna n'uma só estação no theatro de la Scala em Milão, ou na opera de Paris?! N'uma estação? Digo eu! N'uma noite, n'uma só aria, n'um unico passo! A Pedrina de Madrid, de quem tanto se fallou, posto que só fosse ouvida uma vez, e que acordou, segundo se disse no dia immediato, com os thesouros da coroa, a mesma Pedrina, podia lá comparar-se a isto?... Uma cantora... vós bem a ouvistes! Uma dançarina, que não tocou um instante com os pés no sobrado!...

— Tudo isso é verdade, disseram ao mesmo tempo Sergy e Boutraix.

— Ainda uma palavra, accrescentou Bascara.

O meu socego subito surpreendeu-vos, e porque não, uma vez que a mim mesmo admirou? Comprehando-o agora. A impaciencia com que Ignez se retirou, annuncieva que o momento da apparição estava acabado, e esta idea alliviou-me o espirito. Quanto á razão por que ostres condemnados não appareceram como das outras vezes, é uma questão mais difficil, mas á qual ligo apenas o interesse da charidade christã. Diz mais particularmente respeito, segundo todas as apparencias, áquelles que os representaram.

— Então, disse Boutraix, Deus Nosso Senhor tenha compaixão de nós!

— Singular mysterio! exclamei eu, batendo com o punho na mësã, porque me tinham convencido estas razões. Que vimos nós pôr consequencia ainda ha pouco?..

— O que os homens vêem raras vezes n'esta vida, respondeu Bascara, com o rosario na mão, e o que mesmo muitos não verão na outra, uma alma do purgatorio!

— Meus senhores, repliquei eu com resolução, ha aqui um segredo, que nenhuma intelligencia humana pôde penetrar. Envolve-se, sem duvida, em algum factio natural, cuja explicação nos faria sorrir, mas que escapa agora ao alcance da nossa razão. Seja porém o que fôr, a todos nós importa não prestar a auctoridade do nosso testemunho a superstições indignas, tanto do christianismo como da philosophia. Importa-nos principalmente não comprometter a honra de tres officiaes francezes na narração d'uma scena muito extraordinaria, convenho, mas cujo enigma decifrado, tarde ou cedo, nos entregaria ao escarneo do publico. Juro aqui, sobre a minha honra, e espero de vós o mesmo juramento, que não fallarei, em toda a minha vida, no que se passou esta noite, em quanto as causas d'este estranho acontecimento não forem por mim claramente conhecidas.

— Nós tambem jurámos, exclamaram Sergy e Boutraix.

— Eu tomo o divino Jesus por testemunha, disse Bascara, pela fé que tenho no seu santo nascimento, cuja gloriosa commemoração se celebra a estas horas, de que nunca fallarei de similhante cousa senão ao meu confessor, debaixo do segredo do sacramento da Penitencia; e o nome do Senhor seja celebrado por todos os seculos dos seculos!

— Amen, replicou Boutraix, abraçando-o com uma effusão sincera. Rogo-vos, meu charo irmão, que vos lembreis de mim nas vossas orações, porque já não sei desgraçadamente as minhas.

A noite adiantava-se. Um somno inquieto veio surprender-nos. Não preciso dizer-vos por que sonhos fui agitado. O sol ergueu-se enfim, n'um céu mais puro do que na véspera poderíamos esperar, e, sem nos dizermos uma palavra, pozemo-nos a caminho para Barcelona, onde chegámos cedo.

— E depois? disse Anastacio.

— Depois o que? Acabou-se o conto.

— Não sei porque, mas parece-me que lhe falta ainda alguma cousa, disse Eudoxia.

— Que quereis que vos diga? Dois dias depois estávamos de volta em Geronna, onde nos esperava uma ordem para reunir ao regimento. Os revezes do grande exercito obrigavam o imperador a concentrar a melhor parte das suas forças em o Norte. Lá fui ter com Boutraix, que se tinha feito devoto desde que havia fallado em pessoa com uma alma do purgatorio, e com Sergy, que não tinha mudado de amores desde que se enamorára d'um phantasma. Aos primeiros tiros da batalha de Lutzen, Sergy estava ao meu lado. De repente caiu ferido mortalmente por uma bala, ficando com a cabeça sobre o pescoço do meu cavallo. « Ignez, exclamou elle, vou unir-me a ti! » e deu o ultimo suspiro.

Alguns mezes depois o exercito entrou em França, onde prodigios inuteis de valor demoraram, sem a impedir, a quéda inevitavel do imperio. Concluiu-se a paz, e bom numero de officiaes depoz para sempre as armas. Boutraix encerrou-se n'um claustro, onde, segundo creio, existe ainda; eu retirei-me para o meu patrimonio que não tenho vontade de deixar, e aqui está tudo.

— Não é só essa, disse Anastacio com ar amuado, toda a historia de Ignez. Tu has de saber muito mais do que acabas de contar.

— Esta historia é muito completa no seu genero, respondi eu. Pediste-me uma historia d'almas do outro mundo, e se não foi a historia que vos contei, a de uma alma do outro mundo, nunca ellas existiram. Outro qualquer final seria vicioso em a minha narração, porque lhe transtornaria a natureza.

— Isso é uma triste desculpa, disse o substituto. Quereis livrar-nos d'uma explicação por meio d'um subterfugio. Raciocinemos um pouco, uma vez que a logica é usada em tudo,

inclusivamente nos contos das almas do outro mundo. Fizestes com os vossos camaradas o juramento solemne de guardar um silencio absoluto sobre o acontecimento da noite do Natal, em quanto o facto da aparição não estivesse claramente explicado. Lembra-me perfeitamente isso, porque não dormi senão no principio da historia, que, aqui para nós, se ia tornando massadora. Ora, não podeis estar desobrigado d'esta especie de contracto synallagmatico (chamase-lhe assim em direito), senão pela clareza condicional sobre que era fundado, a não querer suppor, que vos consideraes desobrigado pela morte d'um dos contraheentes, e pela profissão do outro, que, fallando verdade, póde ser considerada como uma especie de morte; mas previno-vos de que esta declinatoria não póde ser admittida na especie, o que posso provar-vos, se presistis em semelhantes conclusões. Logo, estaes em caso flagrante de infração do contracto celebrado, se a condição que o resolve não está satisfeita.

— Peço-vos por tudo quanto ha, senhor substituto, repliquei eu, que me poupeis esse processo a mim, que nunca tive nenhum na minha vida. Estou perfeitamente em regra nos termos do meu contracto, que teria podido deixar de mencionar, se não quizesse contar tudo. Mas a historia, que reclamaes, é outra historia; o relógio diz que é mais de meia noite, quereis permittir-me que deixe o logogripho suspenso por um mez?

— Parece-me, disse o substituto, que não se oppondo estas senhoras a isso, póde ter logar um addiamento.

— D'aqui até lá, continuei eu, a vossa imaginação póde entreter-se a procurar a explicação que vos prometto.

Previno-vos, todavia, de que esta historia é verdadeira desde o principio até ao fim, e de que, em tudo o que vos contei, nem ha velhacaria, nem mystificação, nem ladrões...

— Nem almas do purgatorio? perguntou Eudoxia.

— Nem almas do purgatorio, repliquei eu, levantando-me e pegando no chapeo.

— Tanto peor! disse Anastacio.

(Continúa.)



HISTORIA.

A GUERRA DO ORIENTE,

OU

OS RUSSOS E OS TURCOS.

II.

ESTE diploma, junto ao tractado de 1740, seria um documento irrecusavel e faria pender a balança immediatamente para o lado dos latinos, se acaso, ainda mal para elles, os gregos não apresentassem outros diplomas, sendo uns de data anterior ao que acabamos de citar, e outros posteriores ao tractado ou capitulação de 1740: é o que torna a questão mais complicada e difficil de resolver; no entanto os latinos dizem, que o tractado de 1740 garante aos religiosos francezes a posse dos *logares santos*, então em seu poder, que um diploma de data anterior especifica quaes elles são, logo todos estes lhes pertencem, porque os diplomas dos gregos, anteriores a este, ficam derogados por elle, e os posteriores ao tractado não o invalidam: é o que nós não podemos dizer, porque se dá a circumstancia de que os gregos são subditos do imperio, e os latinos estrangeiros, o que dá aos primeiros outra qualidade de direitos; e só á vista da letra dos documentos por elles apresentados se poderia decidir conscienciosamente a questão, tanto mais complicada, que a commissão, não obstante as suas largas discussões, não chegava a um resultado definitivo; foi quando a Russia veio repentinamente intervir na questão, e mudar-lhe a face completamente, saindo dos tramites ordinarios seguidos na diplomacia.

O imperador Nicolau escreveu ao Sultão uma carta authographa, na qual lhe fazia largas considerações a favor da conservação integral dos privilegios religiosos dos gregos em Jerusalem, e accusava os ministros de terem reconhecido um antigo tractado (o de 1740), cuja interpetração, toda desfavoravel aos gregos, podia trazer a alteração do *statu*

quo, e fazer-lhes perder parte dos logares que elles possuíam.

Este systema das cartas authographas da Russia para a Turquia, não era novo, e já se havia explorado varias vezes; entre outras, em 1840, quando a Russia tinha procurado impedir a eleição do principe da Servia, Alexandre Karageorgevitch, em 1848, para excitar a Porta a desenvolver excessivo rigor contra as tendencias liberaes apresentadas por essa epocha nos principados danubianos; em 1849 para lhe arrancar a celebre convenção de Batta-Liman, que regulava a futura occupação dos mesmos principados, até completo restabelecimento da sua tranquillidade; em 1850, quando exigiu a extradição dos refugidos, etc.

Estas cartas, tendo á primeira vista o character d'uma comunicação intima e amigavel, e apresentadas ao Sultão como prova das relações absolutamente cordiaes e benevolas da Russia para a Turquia, tinham, comtudo, mui diversa interpretação na côrte de S. Petersburgo, e eram apresentadas com um pensamento reservado. Se o Sultão cedia a ellas, passavam como ordens, se resistia, indispunham-o directamente com o autocrata, e deixavam-o pessoalmente compromettido. É por isto que as questões diplomaticas abstrahem sempre dos soberanos, para estes não ficarem desconsiderados, ou reciprocamente indispostos, como succederia se tivessem de corresponder-se directamente sobre tão graves e melindrosos assumptos.

A Turquia podia desconhecer toda e qualquer intervenção da Russia n'esta delicada questão dos *logares santos*. Á França prendiam-a os tractados que explicitamente fallavam d'estes logares; pelo contrario á Russia absolutamente nenhuns.



O PRINCIPE GORTSCHACOFF,

Commandante do 3.º, 4.º e 5.º corpos do exército.

Era, comtudo, o fraco' defronte do forte; era o homem, que a havia salvado ainda há tão pouco tempo da humilhação de ceder a um vassallo altivo e rebelde, que queria ser attendido e considerado em objectos de *pura consciencia e escrupulos religiosos*; a Turquia cedeu; e, parecendo admittir a intervenção no sentido de conciliar interesses que ao principio pareciam pura e simplesmente religiosos, dissolveu a primeira commissão e nomeou uma outra, composta exclusivamente d'ulemas e de funcionarios ottomanos, a qual principiou logo a funcionar.

Na sua carta authographa, o imperador

parecia queixar-se mais particularmente do grão-visir Rechid-pachá de Aali-pachá, ministro dos negocios estrangeiros e Fuad-efendi *meistechar* (conselheiros) do grão-visir (*); estes, afim de tirar todo o pretexto á Russia, se abstiveram de tomar parte na discussão, e deixaram á nova commissão uma liberdade plena e absoluta.

Dá-se agora um facto que merece ser registado, porque demonstra desde o principio quaes as verdadeiras intenções da Russia n'esse

(*) O conselheiro do grão-visir desempenha as funcções de ministro do interior.

te negocio dos *logares santos*. Ao mesmo tempo que esta potencia estranhava á Porta o ter reconhecido os antigos tractados, e fazer obra por elles, procurava entender-se com a França, relativamente á mesma questão, e propunha-lhe o tomarem uma decisão em commum, que ella depois *importa* á Porta. Era claro o fim que tinha em vista com esta proposição, que era já a idéa desfarçada do protectorado da igreja grega no Oriente; admittida ella, o imperador ficava reconhecido como o chefe do rito grego, e á Porta não restava outra acção sobre os seus subditos além d'aquella que lhe resultava da posse da Palestina.

A França regeitou *in limine* esta proposição, e declarou que não conhecia senão a Porta Ottomana como parte n'esta questão, e deu-lhe immediatamente conhecimento das proposições da Russia.

Não tinha esquecido á Turquia um expediente razoavel para cortar d'uma vez toda a questão, quanto á posse dos *logares santos*, era o tornal-os communs a todos os ritos, e abstrahir do exclusivo que tão improprio era em objectos d'esta natureza; este expediente, proposto pela Porta antes da nova commissão começar a funcionar, não foi acceito, como era de esperar, e como tal, foi necessario esperar o resultado dos debates e exames da commissão, sobre os documentos que lhe haviam sido apresentados.

Com effeito, depois de longos e minuciosos exames, a commissão apresentou ao conselho de ministros um relatório assignado por todos os seus membros, contendo o resumo de todos os documentos que possuíam os dois partidos. A commissão, á vista d'estes documentos, não admittia a restituição exclusiva dos *santuarios* reclamados pelos latinos. A grande cupula do Santo Sepulchro, cobrindo um logar de adoração commum, dizia o relatório, não podia pertencer exclusivamente a alguma das duas comunidades. Quanto á pequena cupula, de que a posse exclusiva tinha sido reconhecida aos gregos pelos antigos firmans, o relatório propunha a conservação do *statu quo*, isto é, a sua posse pelos gregos. Quanto ao tumulo da Virgem, *santuario* commum dos gregos, armenios, e outros ritos christãos, e no qual os mussulmanos têm também um altar, e de que os latinos sós eram excluidos, a commissão achou intolerante e injusto de não os admittir igualmente a officiar no interior do mesmo *santuario*, direito que os antigos firmans lhe reconheciam. Tinha também a commissão decidido que, para não excitar muito a susce-

ptilidade dos gregos, se não fizesse mudança alguma no interior d'este *santuario*, e que os latinos, depois de terem officiado, levassem os objectos do culto.

Quanto á grande igreja de Bethleem, que os latinos reclamavam exclusivamente como um templo construido por elles, o que parecia indicar a fórma da sua cruz, a commissão reconhecia, que, segundo os firmans, esta igreja pertencia desde seculos ao rito grego; mas, como debaixo do seu altar se acha a gruta da Natividade, *santuario* commum a todos os ritos, e que a nave da igreja tinha sempre servido de passagem para ahi se dirigirem, a commissão decidiu que uma chave das portas da propria igreja, e duas chaves do altar seriam entregues aos latinos, sem que esta decisão podesse mudar em cousa alguma o *statu quo* da igreja, em que os latinos deviam ter sómente o direito á passagem. Reconhecendo também o gôzo commum aos gregos e aos latinos dos dois jardins juntos á igreja de Bethleem, a commissão terminava pela conservação do *statu quo* quanto aos *santuarios* reclamados pela França.

A Porta, depois d'um exame reflectido e profundo, admittiu o parecer da commissão; mas, querendo conservar, quanto possivel, equilibradas as vantagens dos latinos, e dos gregos, seus subditos, e tendo estes ultimos sido um pouco prejudicados pela concessão feita aos primeiros, quanto ao *santuario* da Virgem, julgou a proposito indemnisal-os, permittindo-lhes celebrarem os officios no *santuario* da Ascensão.

Esta decisão foi communicada á embaixada de França por uma nota official, em que se lhe fazia saber as difficuldades, em que outra qualquer resolução collocaria a Porta para com os seus proprios subditos gregos, e para com o imperador da Russia. A França, recebendo esta nota, protestou contra a decisão, para se reservar o direito de futuras reclamações, mas sem idéa alguma de lhe dar seguimento por então.

Por esta mesma epocha (10 de fevereiro de 1852) se redigiu no conselho de ministros uma resposta á carta autographa do Czar. N'ella procurava o Sultão defender e desculpar os seus conselheiros ou ministros; invocava os principios de lealdade para justificar o haver reconhecido os tractados existentes, principios que um soberano do character do imperador de todas as Russias não podia estranhar ou levar a mal. Dava-lhe parte da decisão tomada pela Porta relativa aos *logares santos*, do direito concedido aos latinos de officiareem na igreja da Virgem, e da compen-

sação que tinham obtido os gregos pela entrada no *santuario* da Ascensão.

Quanto ás particularidades d'este arranjo, referia-se á comunicação especial feita á embaixada russiana.

Já se vê d'aqui, que a Russia tinha obtido uma vantagem n'esta questão, e dado o primeiro passo para os seus fins. Era a comunicação semi-official de uma decisão em questões, que lhe deviam ser inteiramente alheias, e nas quaes até esta epocha nunca tinha sido considerada.

E, com effeito, se os christãos do rito grego são todos subditos do Sultão, que mais direito tem a Russia do que outra qualquer potencia para ser consultada ou ouvida no que lhe diz respeito?

Não contente com este primeiro passo, a Russia quiz ainda tornar mais sensível a sua influencia, exigindo que a Porta publicasse um *firman*, que declarasse a resolução tomada, e a conservação do *statu quo*.

A Porta, levando a sua deferencia até ao extremo, cedeu ainda a este pedido, e deu aos gregos um *firman*, cuja copia foi communicada, em virtude da sua exigencia, á embaixada russa. Eis-aqui o theor d'este *firman* traduzido litteralmente:

« *Firman* dirigido a Hafiz-Ahmed-Pachá, governador de Jerusalem, assim como ao Cadi e aos membros do conselho municipal da dita cidade, em data da segunda decada de rebiulakhir, 1268 (10 de fevereiro de 1852).— As contestações que se têm elevado de tempos a tempos entre a nação grega e a comunidade latina, por causa de certos logares de visitação, situados quer seja no interior, quer no exterior de Jerusalem, acabando de se renovar agora, uma commissão composta de *muchirs*, de *kaziashers*, e outros funcionarios, se formou para examinar esta questão em todas as suas partes. Esta commissão, e os differentes conselhos de ministros, celebrados posteriormente para o mesmo objecto, declaram como resultado de suas investigações:

« 1.º— Que os logares em letigio entre os dois partidos são: a grande cupula da igreja da Ressurreição; a pequena cupula por cima do logar chamado — Tumulo de Jesus (a paz seja com elle), e situado no interior d'esta mesma igreja; a pedra da Unção; o Calvario, que se acha igualmente na igreja da Ressurreição; os sete arcos de Maria; a grande igreja situada na aldêa de Bethlehem, comprehendida a gruta da Natividade de Jesus (a paz seja com elle), que se acha debaixo da dita igreja, e que é o proprio logar de seu nascimen-

to; finalmente, o tumulo de Santa Maria (Deus seja com ella).

« 2.º— Que entre estes logares, as exigencias dos latinos de ter o gôzo exclusivo da grande cupula pertencente á igreja inteira; assim como da pequena cupula, da pedra da Unção, do Calvario, dos sete arcos de Maria e da grande igreja, e do logar da Natividade, situados em Bethlehem, não são fundadas em direito, e que o *statu quo* de todos estes logares deve ser conservado.

« 3.º— Que assim como os gregos, os latinos, e os armenios tinham em certa occasião recebido uma chave das duas portas do Norte e do Sueste da dita gruta da Natividade, assim como de uma das portas da igreja onde ella está situada, esta disposição, sancionada pelo *firman* imperial concedido á nação grega no anno da hegira 1170 (da era christã 1757) deve ser conservada em toda a sua integridade; mas, assim como nunca foi permittido que esta disposição, nem o estado actual da dita igreja fossem alterados, que a comunidade latina exercesse n'ella o seu culto, nem, finalmente, que algum dos dois partidos introduzindo innovações, quer seja quanto á passagem pela igreja para a gruta, quer seja quanto a outro qualquer sentido, tambem não consentirá que para o futuro se faça qualquer alteração, nem se admittirão pretensões a este respeito.

« 4.º— Que não se fará mudança alguma no estado actual das portas da dita igreja.

« 5.º— Que os dois jardins junto ao convento dos francos em Bethlehem, e reclamados pelos latinos, sendo collocados, segundo os antigos e os novos documentos, debaixo da vigilancia commum dos dois partidos, este estado deve ser conservado.

« 6.º— Que, posto que a comunidade latina, baseando-se sobre certos *firmans*, que tem em seu poder, aspire agora ao gôzo exclusivo do tumulo de Santa Maria, esta pretensão é igualmente injusta.

« 7.º— Que, não obstante isto, uma vez que actualmente os gregos, os armenios, os syrios, e os coftas exercem todos o seu culto n'este tumulo, e que desde então este logar não é exclusivamente reservado a uma só confissão, é de toda a justiça confirmar a auctorização concedida em todo o tempo aos christãos do rito catholico paea exercerem o seu culto n'este logar, onde muitas outras confissões exercem o seu, debaixo de condição, comtudo, que não farão mudança alguma na administração, ou no estado actual d'este tumulo.

« Esta decisão obteve a minha approvação soberana, como corroborando e confirmando os direitos adquiridos por meus vassallos gre-

gos por graciosas concessões de meus augustos antepassados, direitos que eu ractifiquei e sancionei por *firmans* imperiaes, revestidos do meu *khatti-cherif* imperial, e cuja conservação fôrma o objecto dos meus votos os mais charos.

« Por consequencia, fui servido ordenar, que ninguem contraviesse á dita decisão; e como a comunidade latina exerce actualmente o seu culto, uma vez por anno, e isto no dia da Ascensão de Jesus (a paz seja com elle) em o interior da cupula da Ascensão, situada sobre o Monte das Oliveiras, em Jerusalem, ao passo que os gregos fazem simplesmente as suas orações ao presente da parte de fóra da cupula; a minha soberana justiça não poderia de modo algum consentir, que os vassallos da Sublime Porta, que professam a religião grega, fiquem privados do direito de exercer tambem seu culto no interior d'esta mesma cupula, que, pelo facto de conter um *mithrab* (*) musulmano, não póde ser de maneira alguma concedido exclusivamente a alguma das confissões christãs, é conforme á minha vontade imperial, que os gregos sejam admittidos, durante os dias destinados ao culto christão, a exercel-o da mesma maneira que os latinos, no interior da cupula da Ascensão, debaixo, comtudo, da condição que nenhuma mudança será feita no seu estado actual, e que a porta será sempre guardada, como até agora, por um porteiro musulmano.

« Sendo taes as minhas ordens cathgoricas, que deverão ser notadas á margem na copia do *firman* imperial, publicado na segunda decada do *cherval*, 1255 (janeiro de

(*) Especie de nicho em fôrma de altar, que não tem outro objecto senão indicar em cada mesquita o *kible*, isto é, a direcção do oratorio da Méca, para o qual cada musulmano deve virar-se para recitar o seu *namaz* ou supplica.

1839) a presente ordem soberana, revestida do meu *khatti-cherif* imperial, foi expedida pela repartição do meu Divan, e entregue nas mãos da nação grega.

« Desde que tiverdes conhecido o seu theor, vigiareis attentamente a que nem os gregos, nem os armenios, nem os syrios, nem os cophtas, nem os latinos, permittam algum acto contrario ás disposições tomadas, e ao meu *firman* imperial, o que deverá ser registado nos registos do *mehkéme* (tribunal), e entregue aos gregos.

« Applicareis toda a vossa sollicitude, e todo o vosso zêlo, a que o presente seja constantemente conservado em pleno vigor.

« *Khatti-cherif* escripto na margem d'este *firman* imperial.

« As disposições do meu presente *firman* imperial, sancionando o resultado cathgorico e real das profundas investigações feitas recentemente nos documentos antigos, de um sentido contradictorio, possuidos por nossos vassallos gregos e latinos, relativamente aos logares de visitação, até aqui em letigio em Jerusalem, e confirmando as ordens imperiaes entregues aos gregos por meus illustres antepassados, e nomeadamente por meu augusto pae, e renovados precedentemente tambem por mim, que se abstenham para sempre de todo e qualquer acto em opposição.»

Este *firman*, que em nada alterava, nem se oppunha á communicação feita precedentemente á legação franceza, causou, comtudo, uma grande irritação a este governo, que o considerou por isso um acto de natureza a annullar o protesto que tinha feito para a reserva de seus direitos, e por consequencia offensivo para a sua dignidade.

Mr. de Lavallette, que por esta epocha voltou a Constantinopla na qualidade de embaixador, recebeu ordem de reclamar a sua revogação.



COGITAÇÕES DE UM SOLDADO.

QUADROS DA HISTORIA MILITAR.

(Continuados de pag. 82 do 3.º n.º)

IV.

A batalha de Zâma.

ANNIBAL, atacando os romanos, não representava só o general a quem a própria nação confia um exercito para ir combater o inimigo commum no campo de batalha, era tambem o homem satisfazendo a paixão individual que o dominava; esse odio aos romanos que havia jurado sobre os altares, n'aquella idade em que as impressões tão profundamente se gravam na alma, que formam, muitas vezes, o destino de uma vida inteira. O dever, como general, a vingança como homem, a obediencia como filho aos preceitos paternaes, tornaram Annibal o inimigo que mais fez tremer a suberba Roma; até que finalmente a Providencia apresentou para o combater, outro homem, a quem o dever, a paixão e a vingança levavam tambem a atacar Carthago; mas com essa vantagem, que não se explica, porque anda sempre inherente á mocidade, — a protecção decidida da fortuna. Este homem era Publio Scipião, denominado depois o Africano: joven, victorioso, ávido de gloria, conhecendo em si essa faisca brilhante a que se chama genio, não podia limitar os seus triumphos aos resultados ephemeros obtidos na Hespanha.

Os carthaginezes haviam morto o pae e o tio de Publio Scipião. Ha nunca sangue de inimigos que baste a faltar um filho que vinga a morte de seu pae? A vingança, que elle começára com o sitio de Carthagená, não podia terminar com a batalha de Ilinga, precisava um campo mais vasto, queria mais vidas, mais gloria e mais completos triumphos.

Aos 29 annos, o arrojo não é uma excepção no caracter de um general; a fria prudencia é que seria n'elle uma excentricidade inexplicavel. Aos 29 annos, o posto de general

nunca se ganha, conquista-se sempre, e sem arrojo não ha conquista possivel.

Scipião, depois da batalha de Ingria, veio a Roma propôr, que se atacasse Carthago no centro do seu proprio poder. É verdade que Annibal estava na Italia, mas o genio militar, que é sempre o mesmo, inspirou ao proconsul essa grande verdade, que, vinte seculos depois, era o principio mais trivial na sciencia da guerra, — atacar é o melhor meio de defender.

Fabio, o prudente e cauteloso Fabio, com toda a eschola dos velhos generaes romanos, tremia pela segurança de Roma á vista do excesso de arrojo de Scipião; mas este convenceu-os, que era nas planices d'Africa que melhor se defendiam os muros do capitolio. A sua opinião prevaleceu, como sempre succede á dos generaes vencedores. A expedição foi decidida: os preparativos para ella activava-os a energia de caracter do proconsul, e o desejo dos romanos de se verem livres de um inimigo, que ha 16 annos successivos era o seu terror, e podia ser a sua ruina.

Reuniram-se 30:000 homens de pé, e 3:700 cavallos. Uma esquadra de 40 galeras, e 400 navios de transporte os conduziu ás costas africanas, onde logo investiram Utica e Tunes.

Os carthaginezes oppozeram-lhes ao principio dois grandes exercitos, commandados por Asdrubal, e pelo rei Syphax. Scipião destruiu-os por um d'aquelles estratagemas que acodem aos generaes, que o destino quer proteger, e que parecem ter uma determinada missão a cumprir no mundo.

Havia notado que o campo dos inimigos era formado de barracas de ramos, de folhagem, e de madeira: concebeu o projecto de queimar os exercitos nos seus proprios acampamentos, e conseguiu-o.

Tendo-os illudido com propostas de paz, para que a vigilancia não fosse tão activa, uma

noite aproximou-se rapidamente do campo dos numidas, incendiou-lhes as barracas, e collocou as suas forças de maneira, que os que fugiam ao incendio, viessem cair nos esquadros romanos.

A derrota foi geral, os dois exercitos contrarios ficaram aniquilados.

Os carthaginezes lançaram então os olhos para a Italia, e fizeram o que as nações fazem sempre nos seus momentos de perigo, isto é, justiça aos seus grandes homens, a quem tantas vezes desprezam nas epochas de prosperidade.

Chamaram o unico general que os podia defender. Annibal cedeu com pezar ás urgentes ordens do senado; deixando a Italia, onde tinha adquirido tanta gloria e tanta fama, dil-o-hieis o desterrado abandonando a patria que o viu nascer, hypothese possivel, porque o campo das victorias é a unica patria do homem que nasceu soldado. Um vago presentimento lhe indicava que a sua estrella ia declinando rapidamente; anteviu o desterro, ou a cruz por premio de tão larga carreira de serviços; tremeu, mas nem assim mesmo hesitou: o dever era a grande palavra da antiguidade.

Tendo ajuntado as suas tropas, embarcou para a Africa, tomando terra nas praias do Hadrumeta.

A sua reputação precedia-o, ella lhe attrahiu um grande numero de voluntarios; juntou, além d'isso, os restos fugitivos dos exercitos d'Asdrubal e de Syphax, e reunindo assim uma força respeitavel, dirigiu-se a marchas forçadas para cobrir Carthago.

Scipião conheceu logo a impossibilidade de continuar os sitios d'Utica e de Tunes; subiu o rio Bagradas até Naragara, e veiu procurar o seu adversario.

Os dois exercitos se encontraram a cinco marchas ao sueste de Carthago entre Naragara e Zâma, pequena cidade de que a batalha, que ia seguir-se, tirou o nome, e pelo qual é conhecida na historia.

A fortuna, que abandonava a olhos vistos o antigo vencedor de Cannas, sorria pelo contrario ao moderno vencedor d'Ilinga.

Massinissa, o desthronado rei da Numidia, veiu pôr ao serviço dos romanos, em Africa, 6:000 homens d'infanteria e 4:000 cavallos; auxilio tanto mais valioso, quanto era a boa qualidade da cavallaria numida, e as circumstancias especiaes que se davam no seu chefe.

Alma ardente e voluvel, como a de todos os barbaros, Massinissa ia arrojar agora os seus numidas contra as legiões carthaginezas com o mesmo impeto com que os tinha arroja-

do outr'ora contra as legiões romanas: impressionavel ao fogo de todas as paixões, passava sem transição e sem remorso, na vida publica, de alliado sincero a inimigo feroz; na vida privada, de amante apaixonado a verdugo inexoravel. Trocava os carthaginezes pelos romanos com a mesma facilidade e indiferença com que mandava a Sophonisba o copo de veneno no proprio dia do seu noivado. Era o homem da natureza: a civilização ainda lhe não tinha ensinado o seu grande segredo, isto é, disfarçar os sentimentos.

Os carthaginezes instaram com Annibal para que offerecesse batalha; vê-se que é velho o systema de quererem decidir das grandes questões militares os homens que menos entendem d'estes assumptos. Annibal deu-lhes uma resposta, que ficou sendo uma sentença para todos os tempos: « Em os negocios politicos, um conselho d'estado pôde decidir bem; mas na guerra é só o general que está nas circumstancias de julgar qual é o momento favoravel de combater. »

Com effeito, não obstante a superioridade numerica do seu exercito, Annibal evitava, e com razão, de offerecer essa batalha, que ia decidir dos destinos de Carthago; porque conhecia bem a grande importancia das qualidades que lhe faltavam, e que o tornavam inferior ao dos romanos; não o cegava a vaidade dos talentos, o espirito de classe, ou o amor da patria, porque elle possuia a fundo a mais difficil profissão do mundo, — a de general.

Era um general *general*, essa classe de gente tão rara em todas as epochas, e em todos os paizes.

Antes de combater, Annibal tentou um ultimo expediente, — a conciliação; e n'este sentido propoz uma conferencia a Scipião.

A paz, assim offerecida por este grande homem, tinha alguma cousa de solemne e de importante, era a confissão tacita da sua inferioridade, e a primeira victoria obtida por Scipião sobre o orgulho carthaginez.

Hoje faz-se a guerra para obter a paz, n'aquelle tempo fazia-se a guerra pela guerra; a paz era o estado excepcional, não se propunha senão quando se perdia a esperança de tirar vantagem da continuação das hostilidades.

Foi na vasta planicie de Zâma, que medeava entre os dois exercitos, que se encontraram em conferencia esses dois generaes de tal maneira penetrados de admiração, um pelo outro, que por algum tempo se contemplaram em silencio, sem se atreverem a interrompê-lo.

Contemplemos nós tambem este grupo tão

digno do estudo do historiador e do philoso-
pho.

Scipião, em todo o verdor da idade, era dotado d'essa belleza varonil, que tão bem vae ao mister de general; o seu exterior estava em perfeita relação com o seu destino; a sua figura representava exactamente o que elle era, e o que viria a ser; ao vê-lo, via-se o filho mimoso da fortuna, que, para o engrandecer, nem sequer lhe tinha esquecido prodigalizar-lhe esse dom mais precioso do que se pensa, e que ella reserva aos que decididamente quer proteger, — uma figura sympathica.

Annibal, começando já na decadencia da idade e da fortuna, apresentava na physionomia os signaes evidentes das suas campanhas, e das suas fadigas. A falta de um dos olhos dava-lhe um aspecto severo, e indicava os seus largos soffrimentos, que pareciam pedir o descanço e as recompensas.

Physica, como moralmente, era o guerreiro que acaba, em frente do guerreiro que principia; nas figuras, como no destino, era o sol que se põe, em frente do sol que nasce; eram duas existencias ambas gloriosas, mas nos pontos mais oppostos das suas carreiras. Era o joven em frente do velho; o futuro em frente do passado; a missão que termina, em face da missão que vae começar.

Foi Annibal que rompeu o silencio: — « Se eu não estivesse convencido, disse elle, da equidade do povo romano, não viria pedir a paz ao filho de um guerreiro, a quem outr'ora fiz a guerra. Praza aos céus que esta mesma moderação, que hoje desejo estabelecer, tivesse prevalecido em nossas paixões desde o principio d'esta lucta; oxalá que vós tivésseis limitado o vosso imperio aos confins da Italia, e nós da nossa parte não tivéssemos querido reunir a Sicilia aos nossos dominios; teriamos assim uns e outros poupado todo o sangue que

as vantagens da victoria não podem nunca compensar.

« Quanto a mim, a idade revelou-me a vaidade dos triumphos, e a inconstancia da fortuna; mas vós muito mais moço, não tendes ainda recebido as lições da adversidade: sois hoje o que eu fui depois das batalhas de Trsimene e de Cannas; preferis, talvez, as qualidades brilhantes ás virtudes uteis; mas considerae que o fim de todas as victorias é a paz; é esta que a minha patria hoje vos manda offerecer; não queiraes expôr aos azares de um instante esta gloria que vos tem adquirido annos de triumpho. A fortuna, Scipião, está em vosso poder, um momento pôde däl-a ao vosso inimigo. Mas que digo eu? não me deis tal nome: é Annibal que vos falla, Annibal, que aprecia as vossas virtudes, e que pede a vossa amizade. A paz ser-nos-ha egualmente vantajosa. Eu honrar-me-hei com a alliança de Roma, vós fareis de um inimigo encarniçado um amigo verdadeiro.»

A resposta de Scipião não foi tão propria a preparar a paz, queixou-se do quebrantamento das ultimas treguas; disse que os carthaginezes é que tinham começado esta guerra, que elle combatêra sempre do lado da justiça, e que estava prompto a ceder, se Carthago quizesse reparar os ultrajes feitos á republica romana.

Ambos se separaram descontentes; os generaes voltaram ao seu campo com a convicção intima de que só a espada decidiria a questão. O combate era inevitavel, e, como de commum acôrdo, ao romper do dia immediato ambos os exercitos estavam formados para dar essa batalha, que todos comprehendiam que ia ser de vida ou morte para uma das duas nações rivaes.

Era a batalha de Zâma, uma das maiores da antiguidade, e que passámos a descrever.

(Conlinúa.)

ARCHEOLOGIA.

DESCOBERTAS RECENTES EM CUMA E CANOSA.

A

s escavações, que têm tido lugar este anno em Cuma e Canosa, fornecem novos e interessantes assumptos á curiosidade publica.

O antiquario hoje não se reduz simples-

mente a reunir alguns objectos em os museus e nos gabinetes, só para os contemplar; pelo contrario estuda, e procura applicar as artes antigas aos fins e usos modernos, de maneira que as antiguidades classicas se tor-

nem d'uma utilidade immediata á nossa industria, e contribuam a formar o gôsto do publico, e dirigil-o convenientemente.

As descobertas, que actualmente se estão fazendo em Cuma e Canosa, são do maior interesse, pois representam o melhor período da historia da arte antiga.

É necessario lembrar ao leitor que a cidade de Cuma é talvez a mais antiga do Mediterraneo. Os viajantes phenicios trouxeram a arte e a civilização do Oriente para Cuma. Desde esta epocha até ao tempo de Lucullo foi uma cidade de grande importancia.

A sua Necropolis recorda a arte e a architectura dos seculos passados.

Na minha ultima visita a Cuma (diz um viajante) achei um grupo de trabalhadores descobrindo um grande numero de sepulturas romanas, evidentemente das classes pobres. Telhas planas (*tegulas*) encostadas umas ás outras, cobertas pelo *imbrex*, formam uma sepultura. Com os esqueletos acham-se algumas vezes vasos de barro, mas na maior parte dos casos encontram-se simplesmente os ossos. Em quanto estava desenhando, desapareceu repentinamente o meu amigo, o architecto Mr. Ashitel, que me acompanhava. D'ahi a pouco vieram dizer-me que tinha caído n'uma sepultura, corri immediatamente ao logar do sinistro, e achei-o, são e salvo, a medir e desenhando um grande sepulchro grego.

O tecto d'este edificio é digno de todo o interesse. Não era abobadado, nem em forma de arco; as pedras tinham todas uma superficie plana, e apoiavam-se umas nas outras, com as juntas desencontradas, até se reunirem na parte superior, onde formavam um angulo agudo; era mui semelhante á celebre casa do thesouro de Atreus. N'este tumulo nada se achou que fosse de importancia. O seu interesse principal consistia na sua solida construcção. Mui perto d'este estava um tumulo romano com tres divisões, ou camaras, e a costumada *columbaria*.

Mais adiante, e alguns trinta pés abaixo da superficie da terra, os trabalhadores estavam empregados em escavar e descobrir as sepulturas dos mais antigos habitantes de Cuma, que se julga serem os phenicios. Por acaso encontraram n'esta occasião pequenos vasos de barro, onde estavam pintados animaes grotescos, e estranhas methamorphoses, taes como só os poderia apresentar a mente escandecida de um naturalista em delirio. Estes vasos tinham geralmente de tres a oito pollegadas, as pinturas eram feitas com vermelhão carregado e côres escuras, e tinham bem pronunciado o character egypcio.

O povo, cujos restos param n'estas sepulturas, tinha por uso queimar os seus mortos: encontram-se geralmente alli as urnas mortuarias com as cinzas, abrigadas por grossas construcções de pedra. Os vasos eram offerendas que acompanhavam estas cinzas, e têm, sem duvida alguma, uma significação religiosa.

Divagando pelas ruinas d'esta cidade classica, cheguei a uma pittoresca casa de campo, construida junto dos restos d'um edificio romano. Era um objecto para meditar: uma casa moderna dentro das ruinas d'uma enorme construcção romana! Um dos trabalhadores estava alli fumando tranquillamente no seu cachimbo, tendo a seus pés uma grande quantidade de pequenos vasos, em quanto mais adiante os cães e os bacoros andavam saltando sobre os ladrilhos de tantos seculos de existencia.

O principe de Syracuse, por cuja conta são feitas as escavações em Cuma, tem junto este anno alguns objectos de valor á sua colleção d'antiguidades, entre outros, tres grandes vasos, tendo em volta dos gargallos, grinaldas em relevo de flores douradas; alfinetes de marfim; deuses penates; caixas de perfumes; duas figuras de barro pintadas de diferentes côres, e outras obras de oleria; e uma grande quantidade de pequenos objectos. O principe está continuando nas escavações com grande assiduidade, augmentando assim a riqueza archeologica do mundo.

Vi, entre outros, um vaso de vidro que parecia destinado para reacções chemicas. No centro tinha um receptaculo para o liquido, e nos extremos uns tubos, pelos quaes se lançava agua quente para operar no liquido contido no receptaculo. Este vaso foi achado n'um tumulo grego. Tem quasi pé e meio de comprimento, e é a mais antiga especie de vasos de vidro que tenho encontrado.

Mr. Bonucci está continuando, por ordem regia, as escavações de Canosa. A Necropolis é de maior extensão do que se suppunha ao principio, e os tumulos são mais desenvolvidos.

Achou-se uma sepultura junto da porta do norte de Canosa, e n'ella uma serie de armas. Espalhadas em volta do esqueleto estavam muitas taças (*pateræ*), pequenos vasos, junto com cinco maiores, que tinham cinco pés de alto. Os grupos das figuras representavam algumas scenas da mythologia dos gregos, da ordem mais elevada.

Canosa promete objectos do melhor período da arte dos gregos.



Restos do palacio dos bispos em Evreux.

RESTOS DO PALACIO DOS BISPOS EM EVREUX.

O BISPADO d'Evreux comprehendia antigamente 540 parochias, e 11 abbasias sem contar um grande numero de egrejas collegiaes, priorados e capellas. Estendia-se do Senna ao Aure e ao Rifle, e era regado por duas ribeiras o Euro, e o Iton, que rodeava o castello de Conches, casa de recreio. Os bispos possuiam, além d'isto, quatro baronias: Condé, Illiers, Breteuil e Brosville. Um arrabalde d'Evreux, chamado Saint-Gilles, estava comprehendido nos limites d'esta ultima baronia, e seus habitantes eram obrigados a trazer, em signal de vassallagem, um pequeno baculo bordado, ou cozido nos vestidos. O bispo tinha tambem o direito de tomar parte na eleição do principal do collegio d'Evreux. Este collegio, composto de cinco classes de bellas letras, era dirigido por ecclesiasticos seculares, o seu principal era ao mesmo tempo membro do capitulo e conego da cathedral.

Por occasião de tomar posse do bispado d'Evreux, o novo prelado saia da abbadia de S. Taurin para se dirigir á cathedral. Era conduzido pelos religiosos até á casa do

capitulo. Alli recebia o baculo pastoral das mãos dos conegos, tendo á sua frente os oito mais antigos que tomavam o titulo de barões, porque cada um d'elles possuia uma decima segunda parte da baronia de Augesville. Um direito feudal obrigava o senhor de Feugnerolles a juncar de palha o caminho que seguia o bispo, desde a casa do capitulo até uma ponte pouco afastada onde se formava a procissão. N'este logar, o prelado recebia o juramento do capitulo, e o do senhor, que era seu vassallo, que se obrigava a defendel-o contra todos, á excepção do rei.

Chegado ao seu palacio, o bispo dava de jantar a 200 pessoas.

N'este banquete o senhor de Gouville fazia as funções de copeiro, e dava de beber ao bispo em um copo de prata do peso de 4 marcos, de que este lhe fazia presente depois.

O palacio episcopal d'Evreux, em que Henrique IV habitou em 1603, não é hoje notavel senão pela sua torre, e as suas janellas ornadas de elegantes esculpturas.

MISCELLANEA.

OS ESCRAVOS NA RUSSIA.

A CLASSE dos escravos russos, vulgarmente chamados *mougijs*, não representa menos da vigessima parte de toda a povoação do mundo conhecido, exceto em muitos milhões a população da França, e eleva-se a mais do dobro da da Inglaterra. O numero dos servos russos póde avaliar-se, pelo menos, em 40 milhões, de que,

mais de metade, pertencem a particulares, e o resto á coroa.

Disse que estes escravos se acham, a respeito de seus senhores, em uma condição pouco mais ou menos, identica á dos negros d'America, sob a auctoridade dos plantadores. Isto merece ser explicado.

Uma das primeiras disposições do codigo

russo, relativa aos escravos, é de os declarar inhabeis para adquirir quaesquer bens de raiz. Por mais que trabalhem, e se enriqueçam, nunca terão o prazer de descançar a sua cabeça debaixo de um tecto que lhes pertença. Se compram uma terra ou uma casa, não é senão debaixo do nome de seu senhor, que é, á face da lei, o seu unico proprietario. Esta mesma lei não permite ao servo contrahir um emprestimo superior a cinco rublos em papel (quasi 1:000 rs.). No caso de querer contractar uma divida maior, é o senhor que deve ser o signatario, e que responde por ella. Essa mesma patente, que o servo obtém do governo, quando seu senhor lhe permite fazer o commercio, não póde ser passada em seu nome. Perante a legislação russiana, o servo não é cousa alguma, absolutamente nada; nem quanto a si, porque é simplesmente um *objecto* do seu senhor, nem pelos bens que possui, porque nem mesmo lhes póde dar o seu nome. Uma tal legislação dá logar aos abusos os mais monstruosos. Eis-aqui um facto: sabe-se que um certo numero de servos, pertencentes á familia Scheremeteff, gozam de uma fortuna consideravel, a maior parte d'elles possuem mesmo bens de raiz, adquiridos, segundo a lei, em nome de seu senhor. Ora, tendo morrido o chefe da familia, qual julgaes vós que foi para com estes escravos opulentos o comportamento dos tutores de seu herdeiro menor? Apoderarem-se dos seus bens! Não estavam no seu direito? Na epocha da sua maioridade, a fortuna, um tanto abalada, do joven conde de Scheremeteff, o impediu, sem duvida, de indemnizar os proprietarios legitimos de uma tão flagrante usurpação.

Um facto mais recente, e succedido na mesma familia, accusa ainda mais perversidade. Um escravo, nascido nos seus dominios, e que tinha passado a sua vida em Moscow no gyro do commercio, morreu, deixando por sua morte, entre outros bens, uma somma de 150:000 rublos depositados no banco. Seus filhos, que tinha podido tornar fôrros, e que faziam parte de uma companhia de negociantes, reclamaram, como era natural, a herança de seu pae. Pela sua parte, o conde Scheremeteff reclamou tambem, fundando-se no seu direito de propriedade sobre o defuncto, e sustentando que o capital deve ter a sorte do capitalista; seguiu-se um processo. Qual foi a sentença dos tribunaes? Podiam elles deixar de dar razão ao senhor do fallecido escravo? A somma foi-lhe adjudicada, recebeu-a, e os filhos se viram privados da herança, que seu pae lhe tinha preparado por seu trabalho.

« Tal é, diz mr. Tourquenoff, de quem tiro estes apontamentos (1), tal é a *razão* escripta na Russia! Tal é a moralidade da legislação russa. Os negros das colonias francezas obtiveram por uma lei o direito de herdarem. Os pobres escravos russos, até a estes seres infelizes, têm alguma cousa a invejar. E, não obstante, o nome da Russia figura nos tractados que condemnam e exprobam o commercio dos negros!! »

Devemos observar, além d'isto, que os dois factos, que acabo de citar, se deram exactamente n'aquella familia, que em todo o imperio tem a reputação de tractar os seus servos com mais justiça e humanidade. Quão diversos escandalos não teria eu a revelar se fosse indagar a existencia d'estes proprietarios ávidos e crueis, de que tão crescido numero existe na Russia, d'estas pessoas, que em logar de procurarem corrigir por sua benevolencia pessoal, o que a lei tem de excessiva, não se applicam pelo contrario senão a exaggerá-la em todos os sentidos. E, além d'isto, não póde o escravo ser espoliado, independentemente da vontade de seus senhores? Basta que aquelle tenha um processo a sustentar, em que a insaciavel voracidade dos juizes absorva todos os seus meios, para ter de lançar mão de bens de que, na verdade, não é mais do que o senhor nominal. Póde succeder tambem que elle seja expropriado, n'este caso a acção judicial não differença o que pertence ao senhor, do que pertence aos escravos.

Assim, de qualquer maneira que se considerem, as propriedades dos escravos russos, acham-se precarias e sem garantias. Alguem dirá, que, n'este caso, tractem de possuir bens moveis; mas não eram bens moveis estes 150:000 rublos, que foram adjudicados ao conde de Sheremeteff, em prejuizo d'aquelles a quem deviam pertencer?

Por outra parte ouviu os escravos, dirvos-hão, quantas tribulações e angustias lhes custou a conservação de sommas, que adquiriram com o suor do seu rosto. Uma grande parte d'elles enterra o dinheiro, e todos procuram disfarçar systematicamente a sua fortuna real, affectando muitas vezes apparencias miseraveis, quando poderiam rivalizar em luxo e grandeza com os principaes senhores do imperio.

Com toda a certeza, as especulações, que acima apontei, estão longe de serem na Russia um systema geral. Mas quando assim fosse, que se lhe poderia dizer? Em quanto a

(1) O presente artigo é de mr. Le Duc na sua obra intitulada a *Russia contemporanea*.

lei fôr o que é, os proprietários, que tiverem na vontade privar os seus escravos dos seus bens, acharão n'essa lei uma protecção decidida, e uma justificação authentica.

Um Estado social, que tem pretensões de não ser barbaro, parece-me que deve apoiar-se em outras bases, que não sejam leis, que seriam necessariamente infames, a não admitir o correctivo dos bons costumes.

Mas não é sómente sobre os bens ou propriedades dos escravos, que o senhor exerce o seu direito, domina-os ainda em corpo e alma. O servo russo não pôde querer cousa alguma, nada decidir, e, quasi ia dizendo, nem pensar por si mesmo. Instrumento passivo nas mãos de seu senhor, deve-lhe uma obediencia sem limites.

A lei aponta apenas dois casos em que esta obediencia deixa de ser obrigatoria, ou mesmo em que seria considerada como um crime: são os casos em que o senhor quizesse induzir o seu escravo a conspirar contra o governo, ou a dissimular, por occasião de um recenseamento official, o numero dos habitantes sujeitos ao imposto estabelecido nas suas propriedades. Além d'estes dois casos, o escravo recae plenamente, e sem appellação sob o dominio do seu senhor. O melhor partido, que tem a tomar, para poder viver n'este estado, é despojar-se de todo o sentimento humano, e approximar-se quanto fôr possível do animal. Infeliz d'aquelle que abre o seu coração a qualquer affecto. Por exemplo, é absolutamente inutil, que o escravo procure na sua mocidade cazar-se, segundo a sua inclinação ou a sua conveniencia; a lei prohibe-lh'o, e deixa este cuidado ao senhor, que não segue outra regra na direcção d'este negocio, senão o seu interesse ou o seu capricho. Pôde fazer-se idéa do que serão os cazamentos dos escravos russos feitos debaixo de taes auspicios, e como será apreciada, entre elles, a fidelidade conjugal. Egualmente lhes não convem as affeições e laços familiares: a um simples acêno do senhor, o pae ou a mãe, ou ambos ao mesmo tempo, podem ser de repente tirados a seus filhos, e transportados para trezentas leguas do lugar que os viu nascer. Basta para isso, que um incendio, ou outro qualquer sinistro tenha devastado uma aldêa longiqua pertencente ao senhor, e que este pense, que, fazendo transportar para alli alguns novos escravos, pôde reparar este desastre. Pôde tambem dizer-se, que, para não ter de morrer de vergonha e de desesperação, uma rapariga escrava, que seja bonita, não deve ligar grande importancia á sua honra e virtude: esta

virtude, como toda a sua pessoa, é a propriedade do seu senhor, fará d'ella o uso que lhe aprouver. Que eram, debaixo d'este ponto de vista, os nossos barões feudaes comparados aos barões russos dos tempos modernos?

Seria longo citar todos os factos que têm chegado ao nosso conhecimento, e que provariam, que o que acabo de dizer é fundado em dados, e não em hypotheses. Limitar-me-hei a dizer, que, para conseguir o fazer sujeitar os escravos á sua vontade, o senhor russo é auctorizado pela lei a empregar todos os meios que julgar convenientes. Pôde multiplicar-lhes o tributo em especie ou em dinheiro; mas o argumento que emprega ordinariamente, e com que mais conta, é o cacete e o chicote. « Um homem, depois de levar, diz o proverbio russo, vale por dois! » Este ditado está sempre presente ao espirito de um senhor d'escravos. Ora lhes dá elle mesmo, ora lhes manda dar pelos seus criados; outras vezes requer a intervenção da policia, que, por pouco que lhe paguem, deixa bem terriveis recordações do seu poder nas costas dos padecentes. A mania do cacete, é tal na Russia, que ha terras senhoriaes em que as execuções estão quasi em permanencia (2).

Ao menor esquecimento, á menor negligencia, o servo é despedido até á cintura, e fustigado sem a menor piedade. Estranho modo de governar! Mas o que é triste de dizer, é que o estado de embrutecimento a que a escravatura tem reduzido os camponeses russos, torna-o quasi uma necessidade.

Eu conheci *mougiks*, que não eram viciosos ou corrompidos, mas que não podiam cumprir os seus deveres com uma verdadeira exactidão, se uma vez por outra lh'os não recordassem ás pauladas.

Devemos tambem dizer, que se encontram alguns tão familiarizados com a pancada, que lhe oppõem uma resistencia absolutamente de marmore.

A este proposito citarei a anecdota seguinte. (Continúa).

(2) Mr. de Haxthausen exprime-se a este respeito em termos que, se se não tractasse de um assumpto tão triste, lembraria as facecias de Sganarello! Entre os russos, todo o poder social faz respeitar a sua auctoridade á força de pancada, que em nada altera a affeição e a boa amizade reciproca. Todos dão pancada: o pae dá no filho, o marido na mulher, o senhor territorial, ou o seu intendente, nos escravos, sem que resulte irritação ou rancor. As costas dos russos estão habituadas á paulada, e assim mesmo o cacete é mais sensivel aos nervos das suas costas, do que á sensibilidade da sua alma.



COSTUMES HESPANHOES.

II.

VALENCIANO, VENDEDOR DE LOUÇA.

(Continuado da pag. 129 do 1.º n.º)

CAMINHOS de ferro! Telegraphos electricos! Liga das alfandegas! Confederação ibérica! Quantos milagres de civilização, quantos esforços em politica, para termos na Praça da Figueira louça vinda de Valencia; por Deus, que não valia a pena de tanto incommodo, especialmente se ha só vendedores, e não vendedoras, e se todos elles orçam pelo modêlo que apresentamos.

Effectivamente, se se realizasse a confede-

ração ibérica, quanto a louça, mui pouco ganhavamos em cambiar o nosso prosaico, mas garrido saloio, pelo mal encarado typo do negociante d'este genero, que vem á feira de Madrid, e que a nossa estampa representa.

Se um dia tivermos voto na grande dieta d'essa confederação, á fé que a primeira lei que havemos propôr, é que não venham a Lisboa senão as hespanholas, e essas *escolhidas*; é o pensamento de mais profunda politica que lá podia apparecer; para não resistir a

uma proposta de *união*, não lhe sabemos de melhor recurso do que ser feita por uma hespanholita d'olhos negros.

O pésinho seductor da sr.^a Christina Mendes já recrutou mais iberos do que aquelle celebre folheto, que propunha a capital da confederação na villa de Santarem. Estamos até que uma *guitanilla* bem apimentada matava as furias ao proprio D. Nuno Alvares Pereira, se resuscitasse.

Dado o caso do nosso pensamento, o fim d'este pobre reino apresentaria certo contraste com o do imperio romano. Roma succumbiu a uma invasão de barbaros vindos do Norte; Portugal succumbiria a uma invasão de *humanas* vindas do Sul: tal é o destino dos imperios!

Mas, voltemos ao nosso assumpto: dizem que as valencianas são o *bijoux* de todas as Hespanhas, se assim é, mal empregadas em

similhantes maridos, se acaso os que não vendem louça se parecem com aquelles que a vendem, o que não podemos affiançar.

Deixae progredir os caminhos de ferro com a velocidade que levam, que em *poucos dias* estarão na fronteira d'Hespanha; o grande pensamento triumphará então; os dois reinos serão um reino, os dois povos serão um povo! Lisboa será a capital da Peninsula; a Ribeira Velha o primeiro mercado da Europa; quando verdes lá, amigo leitor, um figurão de barrete á grega, cachimbo na boca, calças á turca, meias e borzeguins historiados, todo cercado de panellas, jarros e bacias, dizei logo: eis alli um valenciano vendedor de louça; mas accrescentae por a boca pequena: — se é casado, a melhor *fazenda* que tem em casa não é de certo aquella que quer vender aos freguezes.

POESIA.

MELANCOLIA.

CANDIDAS mãe da Poesia,
Que vens sentar-te a meu lado,
Na hora final do dia,
Sobre o monte alcantilado;
Oh! que eu sinto o teu encanto
Tão doce, tão brando, e santo,
Da noite no negro manto,
No céu d'estrellas crivado.

Quando o horizonte roxêa
Da tarde no meigo fim,
Que o poente se semêa
De nuvens de carmezim,
Na crista da serra altiva,
Tu te assentas pensativa,
Junto d'agua fugitiva,
Sob um luar de marfim.

Tua pensativa imagem
Se levanta do horizonte,
Se desdobra na paizagem,
S'estende de monte a monte;
E com as azas afaga
A arêa d'ouro da plaga,
As rochas que o mar alaga,
As aguas puras da fonte.

— Que perfume que respiras,
Que tão suave pensar!
Que meigos sonhos inspiras,
Que saudades, que cuidar,
Quando sob o firmamento
Não corre um sôpro de vento,
E os cofres do pensamento
Se abrem de par em par!

Tu és a rôla que chora
 No chôpo á beira do rio ;
 És um sorriso da aurora
 No firmamento sombrio ;
 Tu és o canto saudoso
 Do rouxinol amoroso,
 Por entre o bosque frondoso,
 Em branda noite d'estio.



Tu és a vaga profunda,
 Que sobre a praia suspira ;
 Harmonia gemebunda
 Das cordas da eterna lyra ;
 És a lua, que suspensa
 Corre n'abobada extensa,
 Como uma perola immensa
 N'uma concha de saphira : —



És o som do bronzeo sino
 Que bate ao longe trindades ;
 E's a estrella d'ouro fino ;
 O murmurar das cidades ;
 O castello abandonado,
 Esquecido, derrocado,
 Como o espectro do passado
 Chorando antigas saudades.



És da candida donzella
 Os castos cuidados seus ;
 Na mão co' a fronte singella,
 E os olhos presos nos céus ;
 És o espaço, a immensidade ;
 És encantada saudade ;
 És o véu da Eternidade
 Rasgado por mão de Deus.

Tu és, ó melancolia,
 És do poeta o condão ;
 És do propheta a harmonia
 Sobre as margens do Jordão :
 De Babylonia, que expira,
 És o gemer, que respira,
 No pranto que solta a lyra,
 Chorando sobre Sião.



És Jeremias sentado
 Nas ruinas de granito ;
 És o seu canto inspirado,
 De seu pensar és o grito :
 És Palmira abandonada,
 E lá na Syria prostrada,
 Levantando a branca ossada
 Sobre o deserto infinito.



És Mario, sobre Carthago
 O seu exilio a chorar,
 Bebendo trago por trago
 Suas saudades sem par ;
 És Roma de cãs coberta,
 És Herculunum deserta,
 És Pompêa que desperta
 Do seu somno secular.



És a sombra magestosa
 De toda a gloria guerreira,
 Immoavel, silenciosa,
 Na rocha ao mar sobranceira :
 És Santa Helena isolada ;
 És a aguia desterrada,
 Medindo a carta rasgada
 Da França, da Europa inteira.

L. CORRÊA CALDEIRA.

FOLHETIM.

COSTUMES TURCOS.

I.

ESTAMOS em 1855. — A guerra do Oriente já acabou. — Foi um raio para os jornalistas, para os editores dos mapas do Danubio e do Mar Negro, para os donos dos gabinetes de leitura, para os ociosos dos botequins, e, sobre tudo, para os

politicos do alto de Santa Catharina, essa raça ultra-massadora, e essencialmente cosmopolita, que existe espalhada pelas quatro ou cinco partes do mundo, tendo em todas o mesmo caracter, usos e costumes, que são discutir do que não entende, fazer politica chucha, e castellos no ar, e censurar de todos, e por tudo ; raçasinha que, em Portugal, por exemplo, tendo as filhas em perigo, ri do turco descuidado ; e na Turquia, tendo em perigo as

filhas e mais alguma cousa, ria dos russos porque morriam como pardaes, e fazia projectos para entrar em S. Petersburgo, e derreter na praça imperial todo o toucinho do Oriente, e depois...; mas deixemo-nos dos massadores em politica, que por toda a parte os ha furiosos: o facto é, que aos pobres turcos, a titulo de os livrarem do Czar, sempre pregaram cada peça de metter medo, e de que a maior foi, para fallar a verdade, acabarem-lhes com os seus harens, sob pretexto de os civilizar, e obrigar-os a *casar á europea*, que, seja dito de passagem, e sem intenção de offender ninguem, é a mais tremenda praga que se pôde rogar a um individuo.

Quando a guerra acabou, e os diversos contingentes europeus voltaram aos seus quartéis, era curioso fazer o inventario das felicidades, que do seu auxilio resultaram á Turquia, e estudar o seu deve e ha de haver, que offerencia uma boa lição para meditar para futuro. É curiosa a noticia do que lhe levaram e lhe deixaram as diversas nações aliadas e inimigas com quem esteve em relação; por exemplo:

A Russia levou-lhe as esquadras, destruiu-lhe os exercitos, arrazou-lhe os portos, e deixou-lhe em paga uma perna do principe Paskiewitz, e um dos olhos do conde Orloff.

Os inglezes beberam-lhe o pouco vinho que ella lá tinha, foram-lhe occupando o resto dos portos, mas em paga cruzaram-lhe a raça dos cavallos, e domesticaram os bachi-bozoucks.

Os francezes *civilizaram-lhe* as odaliscas, abalaram-lhe com ellas, deram a supremacia aos christãos, mas em paga pozeram nomes nas ruas, numeros nas portas, lampiões ás esquinas, e ensinaram-lhe a polka mazurka, para que lhe acharam muito geito, fizeram andar os turcos de fraque e chapeu redondo, e, para cumulo de felicidade, introduziram-lhe o sistema de Raspail.

Os judeus levaram-lhe as joias e a prata, mas deram-lhe alguns vintens para comprar armas aos inglezes, e polvora onde podesse.

Os austriacos arranjaram-lhe a independencia da Bosnia e da Servia, e em paga deixaram-lhe excellentes *toasts* feitos pelo seu embaixador ao *triumpho da mais justa causa*, e á *integridade do imperio ottomano*, etc.

Sem mulheres, sem dinheiro, sem esquadras, sem exercito, e sem territorio, ainda assim é forçoso confessar, que os turcos foram muito felizes com o auxilio europeu, porque ficaram com liberdade.... de se vêr ao espelho, se entende, a que podem recorrer sempre que precisarem vêr a cara com que fica um homem depois de... de bem auxiliado.

Seja o que quer que fôr, os serralhos e os harens já pertencem á historia, hoje podêmos profanal-os impunemente, e lá entrar sem risco; as odaliscas passeiam actualmente no mercado do Templo, em Paris, de braço dado com os Zouaves, e á garupa dos cabos e furrieis de couraceiros; ao vél-as com o seu vestuario appetitoso, com as suas jalequinhas desabotoadas, as calças largas e listadas, a extremidade das unhas pintadas de encarnado, o cabello negro, e as sobranceiras arqueadas, mais de um marquez parisiense inveja a sorte do atrevido furriel de couraceiros, e diz lá de si para si, que não havia vida melhor que era a do grão turco antes de o Czar querer por força *proteger* o imperio, e os francezes e inglezes teimarem em o *civilizar*, o que tudo veio a dar na mesma, que foi succeder-lhe o que lhe succedeu, e que no anno de 1853 já todos sabem o que foi.

Vamos, pois, dar uma breve noticia da deliciosa vida que passavam os turcos no interior dos seus harens, e supponha o leitor, por um momento, que ainda estamos no anno de 1854, que os serralhos ainda existem, que a guerra ainda não acabou, antes começa agora, e parece-nos que estas supposições lhe custarão menos a fazer do que a tal de estarmos em 1853, que sempre era um anno de menos que tinham a viver.

Confunde-se ordinariamente o serralho com o harem, e no entanto estas duas palavras têm diversa significação.

O serralho (*serai*) é o palacio do soberano, e fóra elle, apenas os embaixadores europeus, em Pera, têm um serralho. O harem é a casa ou a porção de casa habitada exclusivamente pelas mulheres, isto é, o antigo *gynecœu*. Desde o mais pobre dos Osmanlis ou o mais simples dos artistas, até o primeiro dos ministros, todos possuem um harem; já se vê, pois, que é certo o dictado que, antes pobre na Turquia, do que rico em outra parte. O *selamlík* é o quarto do marido, o logar da recepção onde se fazem e recebem os cumprimentos, e se dá a saudação, — *selam*. O harem, como o seu nome o indica, é um logar reservado, um *sanctuario*, cujo accesso é simplesmente permittido ao esposo ou dono da casa, e ante cuja porta expira até a propria auctoridade da lei.

O *selamlík*, pelo contrário, está franco a todas as pessoas, e n'elle se recebem as visitas. Os orientaes ligam uma tal idéa á palavra de *harem*, que proferil-a é para elles até um sacrilegio. Para os velhos turcos, aferrados á sua crença, perguntar-lhes pelo seu *harem* é uma offensa mortal, e nos raros casos em que

são obrigados a fallar das suas mulheres ou filhas, usam sempre de periphrases ou circumloquios, por exemplo, quando nasce uma filha costumam dizer, — hoje me foi dada uma *encoberta*, uma *estrangeira* (*mucafir*). As mulheres turcas do harem dividem-se em tres classes distinctas, a esposa ou esposas legitimas (*cadine*), as odaliscas ou concubinas (*odhalyg*) e as escravas inferiores (*alaiyg*).

Se a mulher legitima é só uma, todo o harem obedece á sua auctoridade, e não sofre a minima opposição, se ha máis de uma a sua auctoridade é então limitada á parte do harem que habita com seus filhos e escravas.

A lei obriga o homem, que toma por esposa mais de uma mulher, a dar a cada uma um quarto ou quartos separados, e um tractamento em relação com os seus meios e o nascimento d'essa mulher.

As odaliscas ou concubinas são escravas, mas têm um lugar separado no harem, e são encarregadas de serviços menos penosos do que as *alaiyg*, em o numero das quaes são, comtudo, incluídas pelo andar dos tempos, a não ser que o capricho do senhor as eleve a mulheres legitimas, ou que o nascimento de um filho as venha tornar fôrras. As odaliscas comem á parte, mas sempre depois da esposa legitima, a que são sujeitas, qualquer que seja o favor de que gozem para com o dono da casa. São ellas que a acompanham quando saie, e lhe formam uma especie de cortejo.

O numero das escravas não é limitado como o das mulheres legitimas, mas a lei dá por fôrro todo o escravo de qualquer dos sexos, que provar perante os tribunaes, que seu senhor o não sustenta convenientemente.

As mulheres, que povoam os harems na Turquia, são todas de origem estrangeira. Umas vem da Ethiopia e de Sennaar, outras da Circassia, das provincias do Caucaso, etc. Trazidas em uma idade muito nova pelos mercadores, que as vem vender a Constantinopla, não têm idéa de patria, saudades da familia, ou recordações da liberdade. A sua patria, a sua vida, a sua familia, é o harem onde cresceram, onde vivem, e onde nutrem sempre esperanças de vir um dia a reinar. Ainda mesmo quando deixem a sua patria em uma idade mais adiantada, o seu pezar por isso não é maior: educadas já por seus paes na idéa de uma proxima separação, que de alguma maneira lhes é necessaria, familiarizam-se com um destino que lhes deixa ante-ver no futuro, em lugar da vida miseravel, que as espera na casa paterna, uma serie continua de prazeres, de triumphos, de dominio e de auctoridade, porque é da natureza do

coração humano esperar sempre o melhor, e vêr os objectos que lhe convem pela face mais agradável do prisma.

Chegado o momento fatal da separação, o pae entrega as filhas ou filha ao mercador, mediante algumas moedas d'ouro, e este as leva sem mais cerimonia para o seu novo destino.

« Succedeu-me ás vezes, diz um viajante, encontrar estes mercadores de escravas, e entre outras, n'uma occasião em que tinha ido dar um passeio aos arredores de Scutari. Eram homens de uma bella figura, ar nobre e grave, barba branca, vestidos de rica cachemira. Estavam sobre a relva assentados nos calcanhares á entrada de um pequeno prado, em parte coberto de arvores; á primeira vista pareciam inteiramente absorvidos na contemplação do fumo dos seus cachimbos persas.

« Na extremidade do prado, a alguns centos de passos d'alli, corria um rio, em cujas margens as escravas assentadas em circulo, formavam um grupo pittoresco e interessante.

Umas, cobertas com os seus compridos *féredgés* (1), outras tendo as cabeças deitadas sobre o braço para dormirem; aquellas conversando na linguagem do seu paiz, estas mirando-se descuidadas nas aguas do rio. Eu ouvi ao longe as suas vozes confuzas, e contra o costume, em um tom bastante elevado. Approximei-me, julgando-me sufficientemente protegido pela sombra dos platanos; mas avistaram-me logo e deram um pequeno grito. No mesmo instante um dos guardas se aproximou do grupo, mas sem affectação, sem grande pressa, e até com um vagar, que parecia calculado de proposito. Todas se calaram e se cobriram com os seus *yackmaks* (2). Então affastei-me, mas pude ainda vêr-lhes os rostos. Algumas pareceram-me de uma belleza completa, brancas, altas, airozas, o rosto oval de uma pureza perfeita, os olhos expressivos, as pestanas negras e compridas, e as sobrelhas quasi desenhadas a pincel, nada deixavam a desejar; mas esta belleza não tinha expressão. Uma unica, talvez menos formosa, que as suas companheiras, me pareceu mais seductora; era uma circassiana de 20 annos, com as feições bastante pronunciadas, e approximando-se áquelle grau de desenvolvimento de fórmis, que os turcos tanto apre-

(1) O *féredgé* é uma especie de manto talhado em fórma de dominó muito largo, e que lhe cobre o corpo todo até ao tornozello, não deixando vêr senão a extremidade das calças.

(2) O *yackmak* é um véu que encobre a cabeça e cae por diante do rosto.

ciam. Estava vestida com um *féredgé* azul celeste, cujas dobras entre-abertas, deixavam á imaginação muito pouco que fazer. Nunca vi posições mais provocadoras. Ora se deitava para traz, olhando para um pequeno espelho que tinha na mão, ora deitava a cabeça sobre o hombro com os olhos semi-fechados e a boca entre-aberta, deixando vêr os dentes brancos como perolas, parecia absorvida em um pensamento profundo de voluptuosidade. A quem se dirigiam todas estas provocadoras meiguices? Sem duvida ao amante invisivel; ao turco velho e feiarrão, mas que um dia a poderia fazer assentar no throno das sultanas: mui felizes turcos, mal empregado se se realizar a nossa prophécia, e se no fim do anno que vem effectivamente se lhe acabar a papa, que na realidade era papa muito fina.»

N'outro tempo existia em Constantinopla um mercado publico d'escravas, onde os europeus eram admittidos; mas em 1847 a Porta mandou-o fechar.

No interior do harem os principaes cuidados da mulher legitima são as creanças, a direcção e arranjo da casa, vigiar os creados escravos, etc. O toucador, as visitas, os banhos, e o passeio lhe roubam o resto do tempo.

As mulheres turcas não estão absolutamente encerradas no interior do harem como se pensa na Europa; pelo contrario saem quando lhes parece durante o dia, umas vezes a pé, outras de *araba* (chama-se assim uma especie de carruagem enfeitada de bandeiras e tirada por bois), e tambem de caleche á europea; mas, para sairem, hão de impreterivelmente cobrir-se com o *féredgé* verde ou azul, tapar a cara com o *yachmak* de cassa branca, e calçar as botinhas de marroquim amarello, que mettem dentro de umas chinellas da mesma côr.

As mulheres dentro do harem andam mui pouco vestidas. — Umas calças de seda, ou de outra fazenda ligeira, atadas na cintura, e chegando até ao artelho; um colete que lhes cobre apenas as costas, deixando o seio todo descoberto; na cabeça uma coifa, ou um lenço atado em volta dos cabellos; um par de chinellas, que estão mais vezes ao lado do *sophá*, do que nos pés, completam todo o seu vestuario; mas na rua, como dissemos, a differença é tal, que apenas se lhe podem vêr os olhos e a parte superior do nariz; o proprio marido pôde passar por pé de sua mulher que a não reconhece. Pou-

cas vezes as mulheres turcas apparecem sós na rua: quando vão a passeio, o harem todo as acompanha. Estes passeios, muitas vezes se effectuam pelas aguas do Bosphoro. Ao sairem da *araba*, ou do caique, os escravos estendem no chão esteiras ou tapetes, nos quaes todas se assentam em circulo, ficando no centro a esposa e as odaliscas, em volta os escravos pretos e brancos, de maneira que em Constantinopla passcia-se assentado!! Muitas vezes encontram-se assim os harens acampados em distancias uns dos outros, e os escravos do sexo masculino, tanto pretos como brancos, conservam uma certa distancia, attentos ao menor signal, e impedindo a aproximação dos curiosos, para o que tambem corre a policia.

Os eunucos são hoje raros na Turquia, e apenas se encontram no harem do sultão, e nos dos membros da familia imperial.

De todos os passatempos, aliás bem simples, das mulheres turcas, o que ellas apreciam mais são as delicias do *kef*; o *kef* é uma palavra que se não pôde traduzir em a nossa lingua, e de que apenas o *far niente* italiano dá uma idéa incompleta; o *kef* é esse meio termo entre o dormir e o acordar, estado em que o exercicio dos sentidos está como suspenso, cuja terminação repentina é sempre acompanhada d'uma sensação dolorosa, como a que se segue ao despertar dos sonambulos.

A vida das odaliscas parece á primeira vista cheia de enfado, e apresentando um vacuo custoso de soffrer; mas, se attendermos a que estas mulheres são entes quasi inteiramente desprovidos de idéas, que nada têm visto, lido, ou comparado, cujo espirito nunca ultrapassou o estreito circulo dos appetites sensuaes e das affeições domesticas, devemos consideral-as apenas como uma especie de plantas que vivem do ar, da luz e do sol.

Bem pensado, talvez que os turcos, depois de *civilizados*, não tenham grandes saudades dos seus harens: ha males que vem para bem; quem sabe se elles se darão de tal maneira com os casamentos á europea, e com o systema de Raspail, que o santo da sua maior devoção fique sendo o principe Menschicoff, que lhes deu o primeiro empurrão para o tal estado! e depois os francezes e inglezes, que lhes acabaram de fazer a gracinha completa.

Seja como fôr, deixal-os ficar em paz até ao numero que vem.

MODAS.

TERCEIRA CARTA.

A viscondessa Ernestina de Saint-Phall, á condessa de L...

Paris, 30 de junho de 1854.

Não faltei á minha palavra? Foram, ou não foram os figurinos que me pediste? Como era promessa de senhora havia muito quem dissesse que a não cumpria. Esse cançado mote da inconstancia e da volubidade feminina ha de ir acabando á proporção que nós, as mulheres, podermos tambem fallar e ser ouvidas; em quanto o homem for pintor sempre o leão ha de ficar de baixo; se um dia o leão pintasse... mas deixemo-nos de bichos tão feios como são os leões, e os homens que nos chamam inconstantes e caprichosas, e passarei a fallar-te do que mais te interessa. Estou desejosa de te dar uma novidade grande, muito grande, mas não creias que é nem a do meu casamento, nem a do teu; os verdadeiros elegantes francezes começam a emancipar-se da estafada, eterna e prosaica moda da casaca preta, e admittem já, em occasiões de mais liberdade, um lindo fraque de sêda, o que os remoeça de muitos annos, ou os envelhece d'outros tantos, o que eu igualmente aprecio: para mim o homem ou ha de ser muito moço, ou então já velho; livrar d'estes prosaicos massadores dos 35 aos 50, que, absorvidos nas especulações politicas ou financeiras, têm o coração já riscado e pautado como um livro de commercio; estes ordinariamente não olham para nós senão quando nos consideram um objecto de *deve e ha de haver*, ou um meio aproveitavel para as suas combinações politicas. Fria e meditadamente comparam os prazeres de familia com o augmento de despeza que esta lhes occasionaria, e como antevêem um *deficit*, votam contra elles, e sacrificam-se ao celibato. Dos 35 aos 50, minha querida L..., não esperes grande paixão, grandes rasgos de amor, ou de dedicação; d'estas edades ha a esperar muita palavra seductora, mas muito pouco *consorcio*, especialmente para as que não forem demasiadamente ricas: n'estas edades os homens amam-nos para *specularem*; é antes ou de-

pois que elles são verdadeiramente para conosco submissos, apaixonados e sem calculo. O velho é perante a mulher nova mais humilde do que o escravo, mais dedicado do que o seu proprio pai; elle será sempre o executor fiel dos seus desejos, receberá, cheio de entusiasmo, a minima condescendencia, e a considerará como o mais abalizado favor; se a felicidade das mulheres estivesse no dominio, na execução da sua vontade, na submissão dos que a rodeiam, os velhos seriam os homens que mais lhes conviessem; mas ainda que a sua felicidade exige mais alguns requisitos, os velhos só fazem infelizes aquellas que o querem ser. O rapaz ama-nos por instincto, procura-nos por paixão; não discorre, — sente, — não compara, nem medita, quer; — o fogo dos sentidos revolta-se-lhe contra a razão; o casamento não o atterra porque a alma do mancebo é toda cheia de creença e esperanza; n'essas edades espera-se o melhor; o mundo vê-se pela face dourada do prisma; o mancebo abandona-se á providencia, e arroja-se fiado n'ella aos pés da mulher que é a unica cousa que lhe povôa o coração e a cabeça; as suas aspirações, os seus pensamentos, todos revestem a nossa fórma, todos têm um unico fim — a mulher. — Aos 20 annos o homem seduz, engana, mas, ao menos, não é por frio calculo, por egoismo repugnante, é por essa volubidade mais ou menos inherente ao coração humano, sobre tudo ao masculino. Dos homens, ou velhos, ou muito moços. Os de meia idade, e principalmente os politicos, são famosos para se lhes vestir aquelle celebre uniforme que ultimamente votaram na tua camara dos deputados, e mandá-los ahi passear pelo Rocío, de braço dado, ainda que eu acho, que para o figurino ficar completo faltou-lhe a pasta de papelão debaixo do braço; porque o papelão é o emblema mais indispensavel para muitos dos massadores politicos da tua e da minha antiga terra.

Em fins de junho, que esta te escrevo, as nossas modas aqui nada têm variado em relação ao figurino do principio do mez que te remetti; apenas se começam a usar os corpos dos vestidos fechados nas costas, o que é muito mais favoravel á elegancia do talhe e

o desenha mais airoosamente. Os folhos dos vestidos têm por dentro uns pequenos rolos de palha, para fazerem o arqueado da saia. Os manteletes usam-se de todas as fórmulas, feitios, e maneiras, são absolutamente a capricho.

A exposição universal aproxima-se. Paris prepara todos os seus recursos para esta grande festa, e muito desejava eu ter-te a meu lado n'essa occasião; que dias que passaríamos ambas aqui!

Para tu fazeres idéa do que é esta cidade, dir-te-hei simplesmente que se está tractando de construir uma hospedaria, que ha de accommodar 1,000 hospedes, fóra os competentes criados.

Vão-se tambem preparar dentro da cidade banhos do mar, não obstante estar Paris, como sabes, a muitas leguas distante da costa. A agua será levada por meio de machinas a vapor, e trazida pelos aqueductos a Paris, onde se ha de fazer um numeroso reservatorio para a conter! Verdade seja, que esta obra por ora está em projecto, e não sei se se executará. O negocio, comtudo, promette lucros; os banhos do mar são em certa epocha do anno para as elegantes de todas as partes do mundo, como o ar é para algumas aves, isto é, o meio indispensavel para se elevarem até poder encarar o sol no seu zenith e já em todo o seu esplendor; tu, minha L..., sabes quanto é brilhante esse sol que nos vivifica, e que procurámos nos bailes, nos salões, no campo, nos banhos, nos passeios, e nos theatros; esse sol é o amor, que aos 22 annos vou comprehendendo que, se existe, não é em nenhum d'estes sitios que se deve procurar.

Toda tua

S. PHALL.

EXPLICAÇÃO DO FIGURINO.

Primeiro *toilette*, (figura da direita). — Vestido de tafetá cinzento desvanecido, com ramos de flores de espaço a espaço. O corpo do vestido aberto e com abas guarnecidas de fita estreita; as mangas com quatro folhos a fio direito: punhos de cambraia. Camizinha bordada. Capinha (*pardessus*) de tafetá verde com enfeites de veludo escossez com dois grandes folhos de gaze escuro, um pendente do cabeção, outro do estremo. Chapeo mui pequeno, de gaze côr de lilas com enfeites de blond por fóra, e por dentro rosas brancas. Sombrinha de *moiré* branca com franja. Luvas de pellica côr d'ervilha muito clara. Sapatos de salto com laços de fita. Meias bordadas.

Segundo *toilette*, (figura da esquerda). Vestido de bareja branca com folhos de riscas assetinadas côr de roza. O corpo do vestido tambem aberto e com abas; as mangas com cinco folhos. Collarete e camizinha bordada. Mantelete de tafetá côr de lilas. Chapeo mui pequeno de palha de Italia arrendada, entremeada de rufos de fita côr de rosa, e por dentro enfeitado de rosas vermelhas. Luvas côr de palha.

ENIGMA.

FEZ-SE uma festa no céu
Por um justo que morreu,
Sua avó ainda era virgem,
Sua mãe nunca nasceu.

Pergunta-se, quem era este justo?

APHORISMOS.

TEM muita razão quem recusa os governos, principalmente os religiosos, porque se governam mal, desagradam a Deus, e se governam bem, fazem-se malquistos dos homens. De qualquer sorte quem governa sempre desagrada.

NUNCA se deve tentar, sem grande esperança, ou grande necessidade, a fortuna das acções duvidosas, ou manifestamente nocivas. Isto deu logar a que um politico dissesse: que quem vê o perigo, e não foge, merece cahir n'elle.